

ANNO 1°

5 de Outubro de 1897

NUMERO 7.

REVISTA MODERNA

Publicação Quinzenal Illustrada

Director-M. Bolelho.



Redacção e Administração.

48 Rue de Laborde

Paris

MAPLE e CIA

Tottenham Court Road
LONDRES

ENDEREÇO TELEGRAPHICO
MAPLE - LONDRES



MAPLE e CIA

Rua Boudreau (Perto da Opera)
PARIS

ENDEREÇO TELEGRAPHICO
MAPLE - PARIS

Fornecedores de S. Graciosa Magestade a Rainha
O MAIOR ESTABELECIMENTO DE MOVEIS DO MUNDO

LISTA dos principaes Hoteis, Bancos, Clubs e Grandes Repartições Publicas na Europa e America
mobiadas pela casa MAPLE e Cia.

Élysée Palace Hotel, Avenue des Champs-Élysées, Paris
 Turf Club, Lisbonne
 The Grand Hotel, Trafalgar Square
 » Hotel Métropole, Monte-Carlo
 » Hotel Métropole, Cannes
 » Cavalry Club, Piccadilly
 » New Traveller's Club, Piccadilly
 » Imperial Hotel, Bournemouth
 » Knowle Hotel, Sidmouth
 » Prince of Wales Hotel, Holyhead
 » St. Stephen's Club, Westminster
 » Junior Constitutional Club, Piccadilly
 » Great Northern Hotel, King's Cross
 » Euston and Victoria Hotels, Euston Square
 » Turf Club, Piccadilly
 » Brighton New Club, Brighton
 » Stirling County Club, Stirling
 » Racquet Club, Liverpool
 » Cliftonville Hotel, Margate (part refurnishing).
 » Royal Forest Hotel, Chingford
 » Buckingham Palace Hotel, S. W. (new wing)
 » Volksraad, Pretoria
 » Royal Hotel, South Shields
 » Royal Holloway College, Virginia Water
 » Hotel Cap Martin, Mentone
 » Riviera Palace Hotel, Cimiez
 » Bosphorus Summer Palace Hotel and Club, Therapia
 » British Club, Paris

The Kimberley Club, Kimberley
 » Hotel Burlington, Sunny Boscombe
 » First Avenue Hotel, Holborn
 » Constitutional Club, Northumberland Avenue
 » Government House, Simla
 » Burlington Hotel, Old Burlington Street
 » Hotel Victoria, Northumberland Avenue
 » Royal Station Hotel, Hull (for North Eastern Railway)
 » Great Eastern Hotel, Parkstone
 » Grand Hotel, Brighton (new bedroom wings)
 » Liverpool Club, Liverpool
 » Victoria Club, Jersey
 » West Cumberland Club, Whitehaven
 » Malvern House Hydropathic Establishment, Buxton
 » Charing Cross Hotel, new wing (50 bedrooms)
 » Jockey Club, Newmarket
 » Devonshire Park Pavilion, Eastbourne
 » Crewe Hotel, Crewe, for L. & N. W. Ry. Co.
 » Devonshire Park Theatre, Eastbourne
 Limmer's Hotel, Hanover Square
 The Pump House Hotel, Llandrindod Wells
 » Sackville Hotel, Bexhill-on-Sea
 » Plough Hotel, Northampton
 » Grand Hotel, Peterborough
 » Grand Atlantic Hotel, Weston-Super-Mare
 » Grand Hotel, Jersey
 » Grand Hotel, Lowestoft
 » Esplanade Hotel, Scaford

The Coburg Hotel, Grosvenor Square
 » Hotel Métropole, London
 » Hotel Métropole, Brighton
 » Great Eastern Hotel, Liverpool Street
 » Savoy Hotel, Victoria Embankment
 Le Cercle d'Orient, Pera
 Le Cercle, Smyrna
 Le Cercle Kheival, Alexandria
 Le Cercle Bilbao, Spain
 Le Cercle de Résidentes Étrangères, Rosario
 The Hellenic Club, Smyrna
 » Hotel St. George, Mustapha Superior
 » Station Hotel, York (for North Eastern Railway Company)
 » Queen's Hotel, Birmingham
 » County Hotel, Newcastle
 » Grand Hotel, Northampton
 » Burlington Hotel, Eastbourne
 » Park Hotel, Preston
 » Hotel Carol 1^o, Kustendjie, Roumania
 » Senate House, Buenos Ayres
 » Central Station Hotel, Glasgow
 » Royal London Yacht Club, Cowes
 » Royal Spithead Hotel, Isle of Wight
 » L. & N. W. Railway Hotel, North Wall, Dublin
 » Avenida Palace Hotel, Lisbon.
 » Eatsbourne Hydropathic Establishment, Eastbourne
 » Buxton Hydropathic Establishment, Buxton

Vêr o annuncio na quarta capa, lado exterior

Devido ás grandes despesas que a *Revista Moderna* é forçada a saldar mensalmente, pedimos a todos os nossos assignantes o obsequio de pagarem as suas assignaturas no acto da subscrição.

Aos nossos leitores,

A REVISTA MODERNA, fundada com capitães proprios e realizados, impoz-se o dever de crear um novo typo de publicação, satisfazendo, ao mesmo tempo, a educação artistica do meio a que se destina e a necessidade de uma informação completa e illustrada sobre tudo o que, actualmente, interessa o espirito publico.

Julgamos poder dizer aos nossos leitores que, com felicidade, encontramos a solução d'este problema, dando á nossa REVISTA a valiosa collaboração de EÇA DE QUEIROZ cuja authoridade é indiscutivel em todo o mundo culto do Brazil e Portugal.

Em torno d'esse grande nome a REVISTA MODERNA conseguiu, ainda, reunir um grupo de redactores escolhidos, d'entre os mais notaveis da nossa litteratura, os quaes, especializando-se nas diversas secções do nosso jornal, conservarão a originalidade e diversidade do texto, sem prejudicar a harmonia do conjuncto.

AS QUESTÕES POLITICAS SERÃO RIGOROSAMENTE BANIDAS DO NOSSO PROGRAMMA, E A LUCTA DE PARTIDOS NÃO ENCONTRARÁ O MENOR ECHO NAS NOSSAS COLUMNAS.

O lado material que tão justamente impressiona o espirito publico e que tanto agrada aos amadores de publicações artisticas e bem feitas, incumbe aos ultimos e aperfeicoados processos da typographia e da gravura.

A variedade da nossa illustração, acompanhando sempre a actualidade dos acontecimentos, a escolha cuidadosa e execução impecavel da mesma, será o objecto da nossa constante attenção.

Iniciando uma publicação d'este genero, não ignoramos as difficuldades e as decepções que nos podem acolher; mas sinceramente declaramos que tudo faremos para sobrepujal-as e esta somma de sacrificios feitos e aquelles que seremos forçados de fazer, os dedicamos ao Publico, em cujas mãos collocamos o successo da nossa REVISTA.

A imprensa Portuguesa e Brasileira, sempre justa ás idéas boas e sinceras, estamos certos, dará á nossa publicação o logar que lhe compete.

A DIRECÇÃO.

A *Revista Moderna* — á parte a sua feição litteraria — é um CORREIO ILLUSTRADO creado exclusivamente para o Brazil e não pretende de modo algum tomar logar, entre as publicações de actualidade destinadas á Europa.

A responsabilidade de cada artigo inserido na REVISTA MODERNA, incumbe ao seu respectivo autor.

CHRONICA

França e Sião^(*)

A REVISTA MODERNA pede a benevolencia dos seus leitores para os innumerados erros typographicos que serão notados no presente numero devido ao não comparecimento à ultima hora por motivos de força maior do revisor portuguez encarregado d'esse mesmo serviço.

Este preito á sua grandeza, egual aos que outrora recebera Salomão e a probabilidade de uma conversão tão vastamente util á Christandade, impressionaram Luiz XIV, que acabava de revogar o Edicto de Nantes, se considerava Lugar-Tenente de Deus (como elle declara no seu *Manual* para uso do Delphim), e fôra, por esse tempo, comparado a Deus, e com vantagem, por um alto theologo da Provença.

O Grande Rei entrára então na sua desagradavel velhice. Perdêra todos os dentes — e já os beiços molles se encovavam, repuxados pelas gengivas nuas, causando desgosto a Venus. A larga face conservava magestade, mas rigida, com as rugas como entalhadas em madeira. E o olhar, outrora brilhante, era agora apenas agudo e triste. Alem d'isso, desde que, na sua evolução atravez dos Peccados Mortaes, elle deslisára da Luxuria para a Gula, soffria d'indigestões, colicas, acidez, e gazes retumbantes, que o tornavam taciturno e amargo. Quantas crueis perseguições dos Protestantes provieram do intestino doente d'El-Rei! A sêcca e meticulosa Madame de Maintenon, com quem Luiz casára, era tanto enfermeira como

esta Embaixada ao rei de Sião, que era virtualmente em proveito e gloria da Companhia.

Na escolha, porem, do Embaixador appareceu logo uma d'essas influencias de Camarilha que tornavam tão pittoresco o antigo regimen. Para uma missão toda religiosa, toda espiritual, que tendia a converter um Rei idolatra e com elle todo um Reino, foi escolhido um velho capitão de fragata, o Cavalheiro de Chaumont. Com razão o Grande Seminario das Missões, arripiado, exhalou a sua inquietação. Certamente, Mr. de Chaumont possuia crenças muito fortes, uma devoção muito edificante... Mas a sciencia theologica? Poderia elle discorrer proveitosamente sobre a Religião, e, sobretudo, desfazer as objecções que o Rei idolatra, sob a inspiração do Demónio ameaçado na sua posse, não deixaria de apresentar com capciosa abundancia? Por isso o Seminario propunha que se completasse a Embaixada com um *Coadjutor*, theologo forte, bom dialectico, e dotado da insinuancia cortesan indispensavel para a conversão d'um Rei do Oriente. A proposta surpreendeu Luiz XIV :

— Um coadjutor d'Embaixada! Nunca ouvi fal-

(*) Reprodução interdita em Portugal e Brazil.

MAPLE E CIA

Tottenham Court Road
LONDRES

ENDEREÇO TELEGRAPHICO
MAPLE - LONDRES



MAPLE E CIA

Rua Boudreau (Perto da Opera)
PARIS

ENDEREÇO TELEGRAPHICO
MAPLE - PARIS

Fornecedores de S. Graciosa Magestade a Rainha

salmente, pedimos a todos os nossos assignantes o obsequio de pagarem as suas assignaturas no acto da subscripção.

Aos nossos leitores,

A REVISTA MODERNA, fundada com capitães próprios e realizados, impoz-se o dever de crear um novo typo de publicação, satisfazendo, ao mesmo tempo, a educação artistica do meio a que se destina e a necessidade de uma informação completa e illustrada sobre tudo o que, actualmente, interessa o espirito publico.

Julgamos poder dizer aos nossos leitores que, com felicidade, encontramos a solução d'este problema, dando á nossa REVISTA a valiosa collaboração de **EÇA DE QUEIROZ** cuja authoridade é indiscutiavel em todo o mundo culto do Brazil e Portugal.

Em torno d'esse grande nome a REVISTA MODERNA conseguiu, ainda, reunir um grupo de redactores escolhidos, d'entre os mais notaveis da nossa litteratura, os quaes, especializando-se nas diversas secções do nosso jornal, conservarão a originalidade e diversidade do texto, sem prejudicar a harmonia do conjuncto.

AS QUESTÕES POLITICAS SERÃO RIGOROSAMENTE BANIDAS DO NOSSO PROGRAMMA, E A LUCTA DE PARTIDOS NÃO ENCONTRARÁ O MENOR ECHO NAS NOSSAS COLUMNAS.

O lado material que tão justamente impressiona o espirito publico e que tanto agrada aos amadores de publicações artisticas e bem feitas, incumbe aos ultimos e aperfeigoados processos da typographia e da gravura.

A variedade da nossa illustração, acompanhando sempre a actualidade dos acontecimentos, a escolha cuidadosa e execução impecavel da mesma, será o objecto da nossa constante attenção.

Iniciando uma publicação d'este genero, não ignoramos as difficuldades e as decepções que nos podem acolher; mas sinceramente declaramos que tudo faremos para sobrepujal-as e esta somma de sacrificios feitos e aquelles que seremos forçados de fazer, os dedicamos ao Publico, em cujas mãos collocamos o successo da nossa REVISTA.

A imprensa Portugueza e Brasileira, sempre justa ás idéas boas e sinceras, estamos certos, dará á nossa publicação o logar que lhe compete.

A DIRECÇÃO.

A Revista Moderna — á parte a sua feição litteraria — é um CORREIO ILLUSTRADO creado exclusivamente para o Brazil e não pretende de modo algum tomar logar, entre as publicações de actualidade destinadas à Europa.

A responsabilidade de cada artigo inserido na REVISTA MODERNA, Incumbe ao seu respectivo autor.

CHRONICA

França e Sião^(*)

As relações de Còrte entre a França e o Sião, avivadas agora pela visita semi-pasmada, semi-enfasiada, de Chulalongkorn, datam de 1685 — quando em Marselha e depois em Pariz appareceram dous Siamezes, de simarra e mitra, perguntando, sem anciedade nem ruido, se alguém avistára uma Embaixada mandada, havia longos mezes, com preciosos presentes, por El-Rei de Sião a El-Rei de França... Uma Embaixada? Não! Ninguém em Marselha, nem em Versalhes, vira essa Embaixada magnifica... Os Siamezes suspiravam de leve. Bem! então é que o mar amargo a tragára, como traga tudo o que vem do lustroso Oriente, até cada tarde o Sol! E os dous Siamezes, sem mais pezar ou embaraço, começaram a contar, desde Marselha até Pariz, o immenso entusiasmo que El-Rei de Sião sentia pelo Christianismo, e sobretudo por aquelle Grande Rei de França, que lhe apparecia como o mais sapiente e o mais forte da Christandade... De sorte que se o Grande Rei lhe mostrasse estima e confraternidade real, sob a forma solemne d'uma Embaixada, decerto elle abandonaria os falsos Deuses, e, lavado pela concha d'agoa que tudo lava, penetraria na verdade, para se tornar tambem o Rei Muito Christão do Oriente!

Este preito á sua grandeza, egual aos que outrora recebera Salomão e a probabilidade de uma conversão tão vastamente util á Christandade, impressionaram Luiz XIV, que acabava de revogar o Edicto de Nantes, se considerava Lugar-Tenente de Deus (como elle declara no seu *Manual* para uso do Delphim), e fôra, por esse tempo, comparado a Deus, e com vantagem, por um alto theologo da Provença.

O Grande Rei entrára então na sua desagradavel velhice. Perdêra todos os dentes — e já os beiços molles se encovavam, repuxados pelas gengivas nuas, causando desgosto a Venus. A larga face conservava magestade, mas rigida, com as rugas como entalhadas em madeira. E o olhar, outrora brilhante, era agora apenas agudo e triste. Alem d'isso, desde que, na sua evolução atravez dos Peccados Mortaes, elle deslisára da Luxuria para a Gula, soffria d'indigestões, colicas, acidez, gazes retumbantes, que o tornavam taciturno e amargo. Quantas cruéis perseguições dos Protestantes provieram do intestino doente d'El-Rei! A sêcca e meticulosa Madame de Maintenon, com quem Luiz casára, era tanto enfermeira como

esposa e portanto duplamente omnipotente sobre um Rei beato e priapico, que amava a carne, temia a morte, e não queria amar nem morrer fóra de braços não auctorisados pela Egreja.

Esse casamento do Rei de França, celebrado uma noite d'inverno em Versalhes, ás escondidas, pelo simples cura da Parochia (que recebeu como esportula um Bispado), e tendo por unicas testemunhas dous creados de quarto, fôra a resultado d'um pacto taciturno entre a Maintenon e os Jesuitas. Em troco da Corôa secreta que recebia, a austêra viuva de Scarron, antiga Huguenote, deveria obter do Rei a perseguição dos Huguenotes... E o pacto foi lealmente cumprido. Tendo já composto uma *Memoria para aconselhar a perseguição*, a devota dama, que dera a Luiz o requinte superior de concubinar com uma Santa, empregou então outros meios, alem dos doutrinarios, para persuadir o baboso e magestoso Rei de França. Por seu lado a Companhia, discretamente, n'um murmuro, d'olhos baixos, aconselhou o casamento. Desde esse dia, Madame de Maintenon servio fielmente a Companhia, tão largamente servida de resto, e tão poderosa, que os Bispos de França tremiam do creado de quarto do Père La Chaise. E foi ainda a ex-viuva Scarron que trabalhou para esta Embaixada ao Rei de Sião, que era toda virtualmente em proveito e gloria da Companhia.

Na escolha, porem, do Embaixador appareceu logo uma d'essas influencias de Camarilha que tornavam tão pittoresco o antigo regimen. Para uma missão toda religiosa, toda espiritual, que tendia a converter um Rei idolatra e com elle todo um Reino, foi escolhido um velho capitão de fragata, o Cavalheiro de Chaumont. Com razão o Grande Seminario das Missões, arripiado, exhalou a sua inquietação. Certamente, Mr. de Chaumont possuia crenças muito fortes, uma devoção muito edificante... Mas a sciencia theologica? Poderia elle discorrer proveitosamente sobre a Religião, e, sobretudo, desfazer as objecções que o Rei idolatra, sob a inspiração do Demonio ameaçado na sua posse, não deixaria de apresentar com capciosa abundancia? Por isso o Seminario propunha que se completasse a Embaixada com um *Coadjutor*, theologo forte, bom dialectico, e dotado da insinuancia cortesan indispensavel para a conversão d'um Rei do Oriente. A proposta surpreendeu Luiz XIV:

— Um coadjutor d'Embaixada! Nunca ouvi fal-

(*) Reprodução interdita em Portugal e Brazil.

lar d'esse extranho cargo de Coadjutor d'Embaixada... Todavia, na especie, é razoavel, pela importancia e perigos da viagem, e por ser obra de Deus.

E assim foi adjunto ao Capitão de Fragata de Chaumont, como Coadjutor, o abbade de Choisy, superiormente douto em materia de proselytismo e propaganda, pois que escrevêra uma *Historia da Egreja* em quatorze facundos volumes. Alem d'este abbade, acompanhavam a Embaixada seis Padres Jesuitas — mas esses como mathematicos, geographos, botanicos, sem encargo especial da alma do Rei, e só destinados a restabelecer o mappa e a estudar os recursos d'um Reino onde a Companhia esperava em breve ter collegios e plantações. Outro membro eminente da Embaixada era o Conde de Forbin, official de Marinha, que, tendo escaramuçado com os piratas de Argel, passava na Côte por possuir uma « consideravel experiencia do Oriente », e a quem por isso o ministro da Marinha, o horrendo Seignelay (que lançara quatorze mil obuzes sobre Genova, cidade aberta e desartilhada!) distribuiu o cargo, não menos pittoresco que o do abbade de Choisy, de *Major da Embaixada*, com deveres de Lingua, Drogman e Mestre de Cerimonias. E emfim havia uma comitiva de fidalgos menores e filhos segundos que partiam, não por curiosidade ou appetite heroico d'aventuras, mas, como diz nos suas Memorias o proprio Forbin, « para agradar e fazer a sua cõrte ao Rei! »

A Embaixada embarcou em duas fragatas, *l'Oiseau* e *la Maligne*, onde seguiam tambem os dous Siamezes que a tinham motivado, trazendo a estranha nova d'esse remoto rei do Oriente, deslumbrado pela grandeza de Luiz e soffrego da Verdade Catholica... E foi atravez d'elles, durante os primeiros repousos d'um mar muito sereno até Teneriffe, que a Embaixada começou a suspeitar vagamente o estado do paiz desconhecido para onde ia vogando com tanta confiança e tanto apparato.

O Rei de Sião, como Luiz XIV, envelhecêra — e o poder resvalára para um certo aventureiro grego da ilha de Samos, chamado Constancio, que desembarcára uma manhan nas costas de Sião, sem sapatos nem gibão, e começára logo a exercer as suas divinas prendas de Grego. Dentro de poucos dias, era secretario do Primeiro Ministro, ou, como se dizia em siamez n'esse tempo, do *Barcalon*. E mezes depois, era elle o *Barcalon*, pois que o Rei, fascinado com a graça, a astucia, a eloquencia, a destreza, as invenções d'aquelle divino Grego, se desembaraçára do outro *Barcalon*, bronco e roncoiro — e, da melhor maneira, da bella maneira definitiva que se usa no Oriente, e que impede as intrigas importunas do Ministro despedido, separando do corpo a cabeça que as urdiria.

Erguido *Barcalon*, o admiravel Constancio (cujo pae, na velha Samos, continuava vendendo tranquillamente na sua taberna o aspero vinho d'òdre das collinas d'Ampelos) teve uma idea occidental — a de apoiar o seu poder na amizade e na força

d'um Rei da Europa. Mas qual? Dos povos então fortes no mar o Inglez e o Hollandez só o sustentariam se elle, como *Barcalon* todo poderoso, lhes garantisse grossos lucros mercantes no Sião — e o Sião, apezar da reluzente lista que Fernam Mendes Pinto deixou das suas riquezas, é na realidade paiz escasso. Aos Portuguezes não desejava o astuto Constancio dar entrada larga no Sião. Ah! os Portuguezes (como elle depois confessava) eram fêras do mar! E bem poderiam, desapossados da India, buscar desforra no Sião, que elles sempre lamentavam de não terem, por seus peccados, conquistado em logar da fatal India! Restavam pois os Franceses, que o bom Constancio considerava « mais faceis d'enganar », sobretudo acariciando a sua leviana e confiada vaidade. E o Grego impudente como seu avò Ulysses, engodára o grande Rei de França com a promessa d'aquella conversão á complicada e trabalhosa Fé Christã, conversão inverosimil da parte d'um soberano velho, que, em materia espiritual, se achava perfeitamente ditoso dentro da facil e repousada Fé Buddhista.

No emtanto, as fragatas vogavam; e ao fim de tres mezes, lograram avistar o cabo, que fôra das Tormentas, e agora, por fortuna d'El-rei D. Manoel o era da Boa-Esperança. O fêro Adamastor, que se tornára portuguez desde que Camões o cantára, causava sempre tormentas e damnos a todas as náus que entrassem n'aquellas agoas, de que a maligna Thetis o continuava cercando, sem levarem no estandarte, sobre campo branco, a cruz vermelha do Christo. Mas, ao tempo d'esta Embaixada já findára a pagã Renascença, e com ella a força um momento revivida das Nymphas e dos Tritões. Apezar de muito ranger os dentes amarellos e muito sacudir a barba esqualida, ante aquellas náus que arvoravam as Flôres de Liz, o bom Adamastor, apenas as poude empurrar para uma enseada baixa, com correntes traidoras entre rochedos, d'onde logo um vento, já internacional e cosmopolita, chasqueando o velho Gigante, facilmente as safou. E a derrota seguiu durante outros trez lentos mezes, com sobresaltos, com transtornos, até que emfim assomaram a um pardacento banco de lôdo, que era a barra de Sião.

O Conde de Forbin, começando os seus deveres de Mestre de Cerimonias, saltou n'um bote para cumprimentar o Governador da Barra, levando um dos sub-missionarios na esperanza de atacar logo alguma das almas rebeldes. Mas ali começou para o brilhante Mestre de Cerimonias um amargo e humilhante desapontamento. De recamado uniforme, coberto de plumas, com talabarte de sêda e matiz, viêra elle, esperando visitar um Personagem no seu Palacio. Encontrou uma cabana de bambús, coberta de fôlhas de palmeira, e dentro, n'um esguio espaço « sem poltronas, sem tapetes, sem lustres » como elle conta, tres individuos « sem sapatos, sem meias, sem cabelleira, sem chapeo, com um vil panninho á cinta para lhes velar a nudez indecente! » Todavia, apezar do seu escan-

dalo, o Major da Embaixada, á porta, rojando na lama as fôfas plumas do seu chapeo, n'uma cortesia funda, á moda grande de Versalhes, perguntou onde se encontrava o Governador da Barra. Um dos sujeitos semi-nus e encrúsados sorriu, e murmurou com doce polidez :

— Sou eu !

O senhor Major da Embaixada recuou, com nojo d'aquelle selvagem. Mas depois, a tudo o que elle lhe pedio, lhe indagou ou lhe propoz, o selvagem redobrava de polidez e doçura para murmurar: *Amay, amay!*.. E *amay* em siamez (pelo menos no siamez d'esse tempo) é uma expressão commodamente generica que significa « não sei », « não ha », « não posso »...

O Major voltou para bordo, livido e indignado. E as duas fragatas foram subindo o rio desconsoladamente, sem « encontrar aldeas ou castellos », até Bangkok, onde o Governador, ainda mais polido que o da Barra e tão nu como elle, continuou a murmurar *Amay*. Mas ahí os dois siamezes traidos de França desembarcaram á pressa para ir á Capital, a Odia, annunciar ao Rei de Sião a chegada do Embaixador de França.

A Còrte levou quasi um mez a preparar o ceremonial da entrada. Depois ainda a Embaixada consumio quinze mortaes dias até chegar a Odia, onde foi alojada, com alarido dos fidalgos, em cabanas de bambú. E finalmente quasi outro mez se arrastou em decidir a questão gravissima, quasi terrivel, da entrega da carta de Luiz XIV a El-Rei de Sião. Essa carta devia passar directamente da mão do Embaixador para a mão do Rei, como logo exigio Mr. de Chaumont com altiva, inquebrantavel firmeza. Mas ahí surgia a difficuldade inextricavel! El-Rei de Sião não recebia os Embaixadores n'um trono, com degraus, e accessivel; recebia n'uma vasta sala nua, com um muito alto postigo aberto no topo, junto ao tecto, onde o Rei, desfranzida uma cortina, apparecia, saúdava e desaparecia. Como se poderiam assim encontrar as duas nobres mãos? Os Francezes suggeriram a construcção d'uma escada, tapetada de brocados, por onde o Embaixador solemnemente trepasse ao Real Postigo... Horror intenso dos Siamezes! Um Rei assim tão approximado seria para sempre um rei polluido! E por seu turno, com uma imaginação toda oriental, proposeram que o Embaixador levasse na mão uma vara d'ouro, de tres metros, terminada n'uma taça tambem d'ouro, onde pousaria a carta, que El-Rei de Sião colheria, levemente e affavelmente debruçado do Postigo.

E assim foi. No grande dia o Embaixador e a sua comitiva, uns em palanquim, outros a cavallo, com um estrepitoso sequito de Mandarins, entre alas de povo prostrado e de testa no pó, entrou pelo muro exterior do Palacio, atravessando primeiro um pateo cheio de elephantes, dominados pela massa soberana do sagrado Elephante

Branco — e depois outro pateo onde se enfileiravam, sentados no chão, quinhentos homens com os braços pintados de listas azues, *que eram os carrascos!*

Precedido de arautos, entre bandeiras, o Embaixador transpoz a sala d'audiencia, com a vara d'ouro na mão. Depois, ao cabo de longas etiquetas e prostrações, um tambor ressoou, toda a còrte se agachou, de face nas lages, e, no alto do postigo entre a cortina desfranzida, El Rei surgiu. Era um velhito magrinho, enrugadinho, todo rapado, com uma enorme verruga no queixo, erriçada de dois pellos longos e mais rijos que piaçava. Immediatamente o Embaixador avançou, com a vara d'ouro na mão... Mas, ou porque a vara fosse realmente curta, ou porque o Embaixador, por altivez franceza, para affirmar bem a grandeza do Rei de França, não a erguesse sufficientemente, El Rei de Sião, para colher a carta, tanto se debruçou que se despenharia, se mãos invisiveis e de certo tremulas o não tivessem apanhado, com ancia pelas abas do seu gibão còr de fogo! Toda a còrte estremeceu de terror sagrado. E todos os fidalgos da Embaixada romperam a rir desabaladamente, certos da orgulhosa malicia do Embaixador, e felizes de testemunharem emfim, depois de tão fastidiosos meses, n'aquellas terras selvagens, alguma coisa (como dizem as Memorias) « bem espirituosa, bem brilhante e bem franceza »!

E Constancio? Esse não descansava, mettido com o Embaixador e com os Jesuitas em fundos conciliabulos onde se decidiu que a alliança de Sião (isto é, de Constancio) e da França se scellaria definitivamente quando El-Rei de Sião mandasse a Versalhes uma authentica, numerosa e deslumbrante embaixada. E essa embaixada veio, tão authentica, tão siameza, que Versalhes e mesmo Pariz, não comprehendendo que realmente existisse um povo com taes trajés e taes modos e tal lingoa, sinceramente acreditaram que a Embaixada era uma luxuosa mascarada, engenhada por Madame de Maintenon para divertir o tedio de Luiz XIV e lhe acariciar o voraz orgulho.

Depois succedeu uma coisa inesperada... Este Embaixador siamez, voltando ao Sião com o prestigio que dão as viagens e a frequentação dos Còrtes Estrangeiras, creou um partido, tramou uma revolta, depoz o velho Rei da verruga peluda, e prendeu o astuto Constancio, que, para maior segurança, mandou serrar entre duas tabras! No Sião era esse, e ainda é, o meio de inutilisar um homem de genio ardente... E então, serrado assim pelo meio aquelle subtil Constancio, e enterrado Luiz XIV em Saint Denis entre os apupos da populaça, a Franca e o Sião mutuamente se esqueceram durante dous longos seculos.

EÇA DE QUEIROZ.



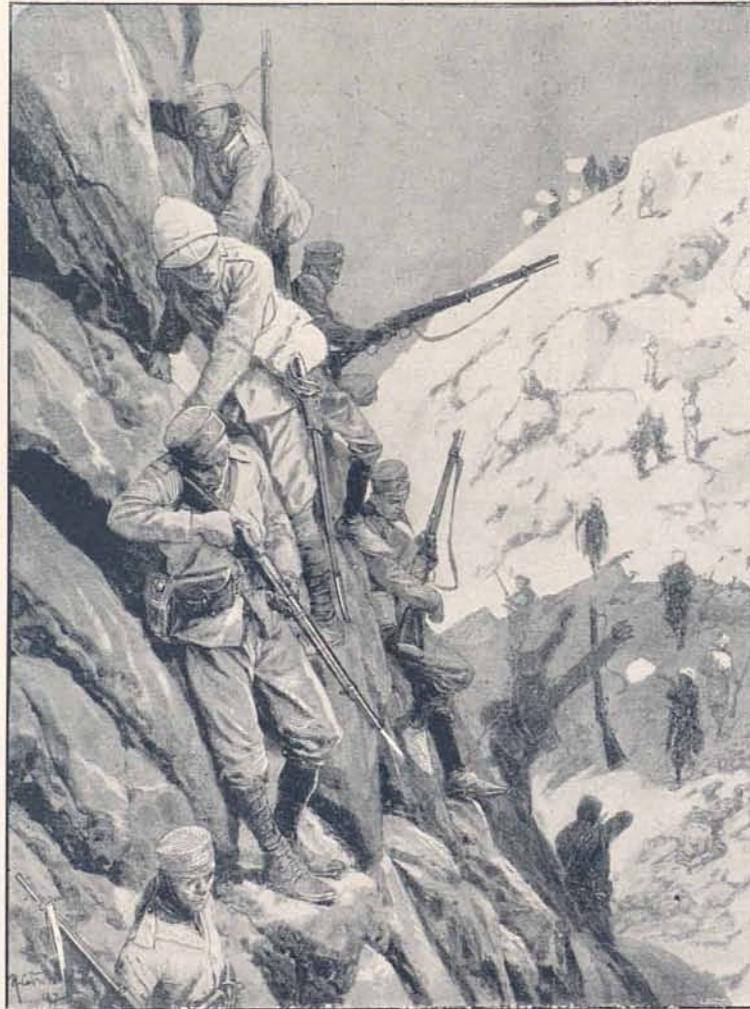
A Guerra de fronteira na India

As gravuras que publicamos dão uma idéa exacta da paisagem montanhosa em que se têm dado os ultimos combates entre as forças anglo-indias e as tribus revoltadas dos desfiladeiros da fronteira afghan. Entre immensos rochedos amontoados, escalando paredes a pique, por onde as camureças e as cabras mal pôdem saltar de saliencia em saliencia, passando outras vezes entre muros de pedra por longos corredores onde apenas um homem pôde passar, os soldados da Inglaterra têm levado a cabo, com o seu denodo costumado, a sua campanha que já não é defensiva mas sim offensiva para punição dos revoltosos. Estes são homens de uma coragem tradicional successores e descendentes dos que tanto damno causaram ao exercito de Alexandre, ás hostes aguerridas dos Imperadores Mogóes e ás expedições inglezas que contra elles, em varias epocas, têm combatido.

A machina militar que os inglezes montaram na India funcionou porem, ainda desta vez, com a maxima perfeição. Os rapidos caminhos de ferro transportaram, em horas, dos extremos da India, dos altos sanatorios onde estam de reserva, e das planicies de Bengala, os contingentes que logo se reuniram em Peshawar onde estavam armazenados os viveres, as armas, as munições e organizados os serviços do commissariado e das ambulancias. Os comboios partiram e chegaram á hora marcada, cada official e cada func-

cionario chegou exactamente ao ponto de ante-mão designado e começou, sem perda de uma hora, resoluta, heroica e methodicamente a marcha para a frente. Tudo estava previsto, tudo calculado, tudo organizado. Não faltou um pedaço de pão, nem um punhado de tabaco.

Graças a esta organização militar, a revolta subita que alastrou pelas montanhas começou a ser reprimida por partes, sem precipitações nem demoras. Os admiraveis soldados sikkhs que, desde a conquista do Punjab, são o principal elemento do exercito anglo-indiano, têm feito prodigios de pertinacia, justificando, mais uma vez, o dito de Lord Roberts de que a fidelidade dos sikkhs só pôde ser igualada pela sua bravura. Os incomparaveis goorkhas das montanhas do Nepaul têm tido larga parte nesta guerra. As tropas avançam com segurança e prudencia. Ha dezenas de annos que todas aquellas montanhas en noveladas estão descriptas nas cartas militares, com a mesma exactidão e



Do Illustrated London.

Goorkhas descendo um desfiladeiro sobe o fogo dos revoltosos.

minucia que ha na cartographia de qualquer condado da Inglaterra. O emir do Afghanistan, de cuja fidelidade houve quem duvidasse, mostrou-se firme. Não lhe agradou a idéa de perder o subsidio de £ 120,000 que todos os annos lhe dá a Inglaterra e isso a troco só de riscos e perigos.

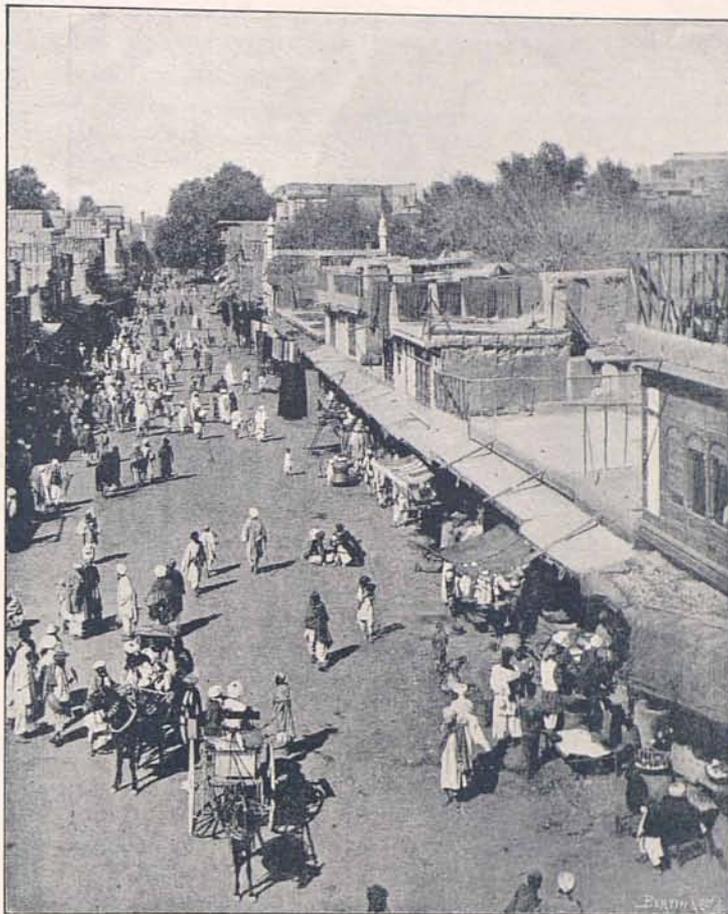
Havia na revolta um propheta ou visionario que se ergueu entre os Mohmands. Este propheta fanatisou a tribu mas a sua aldêa foi tomada e o seu templo destruido. O propheta teve de fugir,

na fuga deu uma queda do cavallo e quebrou uma perna. Foi levado em padiola ouvindo as imprecações das mulheres que o accusavam da desgraça da sua tribu. É assim que os inglezes na India dão cabo dos prophetas encastellados em reductos nos pincaros das montanhas.

As partes officiaes do vice-rei, o *Times* publica— as diariamente. Cabem sempre em poucas linhas; não hanellas rhetorica nem exclamações. O numero dos officiaes inglezes feridos e mortos é muitas vezes superior ao das praças postas fóra de combate. Isto é devido ás pontarias propo-

sitaes dos revoltosos que alvejam sempre os officiaes. Demais, na India, o uso do exercito é que, quando as tropas fazem trincheiras, estas só sirvam para abrigar os soldados. Os officiaes, com os seus uniformes vermelhos, e seus capacetes brancos ficam sempre a descoberto. São precisos estes heroismos para conservar aos europeos, entre as tropas indigenas, o seu prestigio.

Se entre os generaes inglezes houvesse rivalidades, se elles vivessem a passar telegrammas bombasticos e contradictorios, á imprensa e á



Do *Illustrirte Zeitung*.

O Grande Bazar de Peschavar.

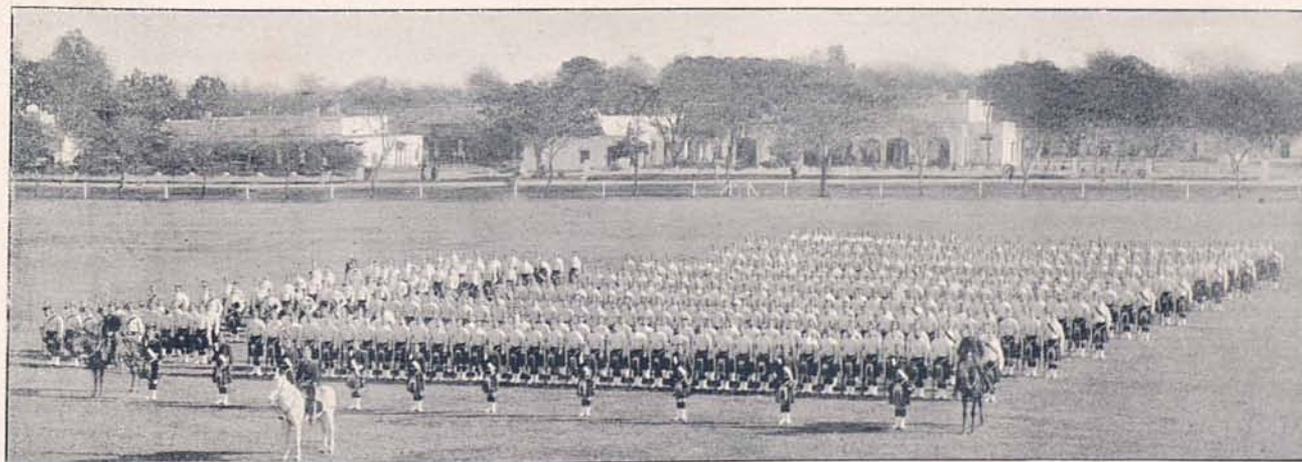
familia, se o serviço dos viveres fosse defeituoso ou mesmo nullo, a revolta da fronteira afghan seria para a Inglaterra um immenso desastre. Verdade é que se as cousas andassem por essa forma em Inglaterra, não teria ella vencido Napoleão nem fundado o Imperio das Indias. Os inglezes já concluíram a campanha contra os Mohamands.

Resta-lhes, porem, o dispersar e castigar os Afridis, tribu mais numerosa e que habita uma região de difficuldades talvez maiores que as encontradas na região dos Mohamands.

Será essa expedição um pouco mais longa do que a diri-

gida contra estes pelos generaes Jeffreys e Elles e o seu commandante em chefe é o general Sir William Lockhart. É possivel que se lhe reünam as forças d'aquelles generaes e as do general Sir Binton Blood.

O fim que os inglezes têm em vista é castigar as tribus que, apossando-se dos desfiladeiros na região noroeste, têm interceptado o trafico para o Afghanistan. Esta punição consiste em expulsar os revoltosos do alto das serranias onde têm levantado torres, onde fazem fogo sobre as tropas que tentam forçar esses desfiladeiros.



Do *NAVY e ARMY*.

O Regimento dos Higlanders em parada nos arredores de Peschavar.



Do NAVY e ARMY.

Officiaes indigenas da cavallaria de Bengala.

As tropas inglezas começam transpondo as passagens á bayoneta, depois de um rapido tiroteio. Se as forças inimigas são muito superiores, os inglezes recuam, palmo a palmo, em ordem, até sahirem do desfiladeiro a cuja entrada deixaram os seus canhões ligeiros e de tiro rapido. Voltam com elles e fazem-nos funcionar. Os revoltosos escalam as montanhas e vão se refugiar nas torres lateraes. Os canhões são içados a força de braços até meia encosta. As vezes, a golpes de alvião, cortam os sikks, na pedra, pequenas plataformas onde os canhões são installados e d'ahi rompem fogo contra as torres e entrincheiramentos, levando a desordem

e submetterem-se. A humanidade é não só muito mais nobre do que a crueldade mas é até de melhor politica. Graças a ella, o numero de submissos cresce todos os dias, o que não aconteceria se houvesse nas solidões d'aquellas montanhas o systema do fuzilamento, isto é do assassinato dos prisioneiros.

Approxima-se, porem, rapido o inverno n'aquellas alturas desde os primeiros dias de outubro. Deante da neve e do frio cessará a guerra. As tribus revoltadas acabarão luctando entre si. Por meio da neve, por onde não passa um exercito passará o legendario burro de Philipe da Mace-

entre as forças que os guarnecem e, n'essa occasião, os soldados inglezes, goorkas e sikks escalam as montanhas e vão desalojar os revoltosos. Estes resistem mas têm por fim de ceder. A esse tempo já vão fugindo deixando as casas abandonadas. Os inglezes destroem as torres, os entrincheiramentos e queimam as casas. Os revoltosos feitos prisioneiros são expedidos para Peshawar. Como sabem que os prisioneiros não são fuzilados, nem degolados, muitos revoltosos preferem depôr as armas



Do Graphic.

Entrada do Passe de Kiber.

donia, aquelle burro conquistador de fortalezas. O sultão Akbar quando queria transpôr aquellas montanhas mandava adeante uma caravana carregada d'ouro. As tribus assaltavam a caravana e depois quando luctavam para dividir os despojos o sultão passava tranquillo. Os inglezes têm pois o exemplo de Akbar e como têm tambem o ouro, quando a primavera tiver derretido a neve, estarão derretidos os exercitos insurrectos e acabada a *revolta da India* que os jornaes francezes tanto querem fazer feia e temerosa.

* * *

A primeira das nossas gravuras representa um combate n'um desfiladeiro. E' preciso que os soldados inglezes e indigenas tenham a agilidade de gamos para vencer os perigos d'aquella escalada e sustentar o fogo nutrido do inimigo, no perigoso equilibrio em que, tendo aos pés o abysmo e em frente a fuzilaria dos revoltosos, affrontam com serenidade a morte que os ameaça. Um passo em falso, um estonteamento da attracção do precipicio e despenha-se o soldado d'aquella immensa altura. Os seus musculos são porem fortes e ageis. Nos sanatorios militares do Himalaya, nos acampamentos das guarnições, o cricket, o foot-ball, o polo tornaam aquelles soldados e officiaes verdadeiros gymnastas capazes de tudo arrostar.

O Bazar de Peshawar é o assumpto de outra gravura. Uma longa e larga rua avermelhada e poeirenta. Na frente das casas sob as cobertas de lona, ha os balcões dos mercadores. Ali vendem-se os cobs amarells e lavrados de Benares, as babouches de couro, armas recurvas do aço esculpido de Jeypore, botas vermelhas, sandalias, tapetes de Lahore, bordados persas, os grandes chales brancos e macios de Cachemira que passam dentro de um anel, pelles de tigres e pannos de lã de camello. As roupagens brancas dos transeuntes são as dos afghans de pontudos turbantes, de olhar feroz, nariz adunco, barba negra com um vago ar judaico e que vendem paças de Cabul e de Herat envolvidas em algodão, em caixinhas de madeira.

Cruzam officiaes e soldados sikkhs de grandes barbas pretas, duras, brilhantes, abertas ao queixo e de longos bigodes retorcidos como de madgyares.

* * *

Na esplanada de Rawal-Pindi, grande acampamento inglez, no mesmo vasto plano onde em 1878 Lord Lytton presidio o celebre *durbar* ou reunião de principes em que foi proclamada Victoria, Imperatriz das Indias — vemos alinhados os soldados escosseses, os celebres highlanders. Das brumas caledonias vieram para os ardores do verão hindustanico. Que importa o clima? As casernas são higienicas, a alimentação é excelente, ha optimos banheiros, ha muito chá, não falta o pão, ha jogos athleticos e, sobre tudo, ha a bandeira ingleza. Por isso quando soam os seus pifaros e os seus *bag-pipes*, tocando as canções da Escosia, movem-se os highlanders com as suas pernas núas alçados em cadencia, elasticas na marcha e marchando alegres para o combate e talvez para a morte.

* * *

Uma caravana de camellos penetrando n'um desfiladeiro é a scena que vemos entre as duas montanhas aridas que outra gravura representa.

Estamos deante de uma das grandes estradas do mundo. Por ali passaram as civilizações, por ali foi o trilho das raças e das religiões que sahiram e que entraram na India. Por ali passou Alexandre, por ali penetrou a Inglaterra no Afghanistan e lá muito ao longe, no fim d'aquelle corredor labyrintico alem, de Cabul e de Hérat, despontam já os Slavos conduzidos pelo poder da Russia.

* * *

Os homens magnificos e marciaes que se vê na ultima gravura são officiaes do exercito da Rainha. São descendentes dos guerreiros que os Védas cantaram e tiveram como avós heróes e poetas no tempo em que os Inglezes viviam nas cavernas, e comiam bolotas como bichos selvagens.

READER.



Do *Fliegende Blätter*

A QUINZENA POLITICA



CRISE ministerial aberta na Hespanha pelo luctuoso desaparecimento de Canovas, teve o desfecho natural e por todos previsto : a chamada ao poder do senhor Sagasta e com elle a ascensão do partido liberal, que, desde 1894 guardava uma attitude expectante sobre os acontecimentos politicos que se desenrolavam na peninsula. Toda a boa vontade e patriotismo do general Azcarraga foram inuteis e infructiferos deante da desorganização e das rivalidades que a morte do chefe fez nascer no grande e poderoso partido conservador. Na sua ultima audiencia da regente Maria Christina, expoz elle claramente as difficuldades que encontrava para obter a união dos conservadores, a impossibilidade da retirada do general Weyler, como representante politico e militar em Cuba, o seu insuccesso procurando conjurar o conflicto com a Igreja a proposito da excomunhão lançada pelo bispo de Palma contra o ministro das finanças, e tudo isto fez com que a Rainha Regente, depois de ouvir silenciosamente o general, resolvesse consultar os chefes dos partidos. Para completar a gravidade da situação tem ainda o governo hespanhol de lutar contra a attitude da

diplomacia americana em relação aos negocios de Cuba. A linguagem do novo ministro dos Estados-Unidos, que, obrigado a uma certa correção de forma, não poude mesmo assim occultar as exigencias pretenciosas e inqualificaveis de uma intervenção inaceitavel e indiscutivel. Esse representante de Washington a maior parte da imprensa americana congratulava-se por vê-lo enviado a Madrid, como o portador de uma declaração de guerra, não quiz desdobrar a terrivel mensagem e disfarçou-a n'uma *amigavel* imposição, pela qual Sua Excellencia o senhor Mac-Kinley, interpretando os sentimentos generosos dos seus pacatos compatriotas, pretende, segundo se diz, determinar um prazo para a terminação da guerra de Cuba.

É esse mesmo Presidente que, actuando n'um sentido de paz e concordia, reenvia a Havana como consul-geral Mr. Lee que, ha tempos atraz, exercendo esse mesmo cargo, tornou-se celebre em toda a ilha pela sua evidente parcialidade e pela pro-

tecção indirecta dada aos fibusteiros e aos seus agentes. Tudo isto resume sufficientemente a norma de conducta que os politicos da America pretendem seguir, obtendo a realisação de um programma maduramente reflectido e cuja primeira parte o general Woodford, novo ministro em Madrid, procura realisar. A paciencia da Hespanha deve ter limites e, quer sob a direcção politica de Canovas, Azcarraga ou Sagasta, a

tradição e o patriotismo d'esse nobre povo saberá sempre repellar a ingerencia estrangeira, que, invocando sentimentos de humanidade, não tem outro fim senão pescar em aguas turvas e realizar um esplendido negocio.

A lucta que, infelizmente, ha muito dura entre a Hespanha e a sua principal colonia, é uma questão puramente interior, e Cubanos e Hespanhoes, tendo ambos razaõ nas suas pretensões, devem, a bem da tranquillidade e da paz muito necessarias á colonia e á metropole, entrar em um justo accordo digno e honroso.

Se não fôra o auxilio dos Estados-Unidos, que não quizeram cumprir o seu dever de neutralidade nem respeitar os tratados internacionaes, essa guerra fratricida não teria durado. O senhor Sagasta terá

muito que fazer para collocar sua patria acima de tudo, procurando ao mesmo tempo uma solução independente dos bons officios e conselhos dos legisladores de Washington. O Senhor Sagasta não é um estreiante da grande politica ; conhece as responsabilidades e as compensações do poder, e em estado actual de cousas Hespanha e Sua Excellencia, por certo, não tem a minima illusão. O programma a seguir deve ser detalhadamente estudado e reflectido, encarado sob todos os pontos e aspectos e, uma vez a execução começada, o caminho deve ser percorrido de principio a fim, custe o que custar.

O chefe que, á frente de um partido retemperado por longos aenos de descanso, vai emprehender semelhante tarefa, não ignora, é claro, que a honra, a gloria e o futuro da sua nobre patria estam em jogo. Secundado por essa Regente, admiravel de intelligencia e dedicação, que deixou de ser archiduqueza da Austria para com tanto amor e abnegação ser a rainha vene-



MARIA CHRISTINA
Rainha Regente de Hespanha.

rada da Hespanha, o primeiro ministro de Sua Magestade saberá evitar os grandes perigos e incertezas e conseguir para o seu paiz a paz e a tranquillidade de que elle tanto necessita. O reconhecimento da nação será de tal modo sincero e duradouro, que todo o seu sacrificio será larga e dignamente recompensado.

* * *

A HUNGRIA acaba de ter a mais positiva consagração politica, na visita triumphal que lhe fez o mais expansivo e um dos mais poderosos dos soberanos, recebendo e a cidade de Budapesth a mais solemne consagração, como capital independente.

O amor proprio madgyar, lisongeadó até o cumulo das suas esperanças, não conheceu limites nas ruidosas manifestações organisadas em homenagem ao Imperador allemão, e o pontifice do germanismo, aclamado na cidade de Santo Estevão, retribuiu largamente, pelas maiores gentilezas e attenções, a mil manifestações que lhe foram tributadas. Esse grandioso banquete de gala presidido pelos imperadores e reis durante as manobras de Totis; esse *toast* imperial em que Guilherme II, passando em revista a historia da Hungria, evocou, em brilhantes pensamentos, os seus feitos heroicos e fez a apothecose da nação, arrebatando de alegria e jubilo o coração dos descendentes de Aspag.

E todas essas scenas de entusiasmo delirante passaram-se na presença do velho imperador e rei Francisco José, que bastante conhece o caracter arrebatado e ruidoso d'essa raça que forma uma grande parte do seu variado imperio. Naturalmente Francisco José ria-se consigo mesmo d'essas pretensões tão entusiasticas, a celebrar uma independencia cujos limites e applicação elle em tempo e hora fixará. Não discutindo a exaggeração provocada pela eloquencia imperial do Kaiser allemão, ficou bastante claro que Vienna e Budapesth são duas capitães differentes e dois centros politicos distinctos.

Ainda as luminarias consagradas ao chefe dos Hohenzollerns não tinham sido apagadas, que um

outro monarcha, bem menos poderoso, mas cheio de prestigio, veio honrar com a sua visita a cidade das grandes festas. Carlos I da Rumania, soberano visinho e indirectamente alliado, veio a Budapesth pagar a Francisco José a vista recebida, ha mezes, em Bucharest e tratar, ao mesmo tempo, na capital hungara, de uma delicada questão que interessa aos dous reinos.

A Hungria, tão ciosa da sua independencia e tão exigente no exercicio da sua autonomia, tem uma idéa de liberdade para si e uma outra — bem differente — para todas as raças que são forçadas a soffrer a sua influencia.

Os Rumanios da Hungria e da Transylvania, que, annexados ao imperio austriaco, obdecem ás imposições de Budapesth, vivem em constante e eterna lucta para obter algumas garantias para a sua nacionalidade. As menores concessões e a mais irrisoria autonomia que procuram obter são terrivelmente combatidas pela politica hungara, que faz o possivel para abafar qualquer velleidade de independencia que possa mostrar esse fragmento de raça. São elles, entretanto, muitos milhares, condemnados a viver como párias, não tendo sequer o direito de fallar nas suas assembléas a lingua nacional. Na exposição do seu centenario, a Hungria organisou um cortejo historico, no qual, apoz a estatua que symbolisava a patria hungara, disfilavam os estudantes das nacionalidades submissas ou dependentes do



CARLOS
Rei da Rumania.

seu reino; a Transylvania recusou energicamente comparecer com o seu estandarte e impedio, pelas desordens provocadas, a realisação de um tal programma. Esta é a idéa que têm os homens politicos de Budapesth sobre a liberdade dos outros povos; e é por esta razão que o rei da Rumania veio expressamente á Hungria cumprir um dever de cortezia, intercedendo ao mesmo tempo por esses milhares de Rumanios, cujos protestos e lamentações echoam tristemente em Bucharest. A communhão de raças e de religião impoem ao rei Carlos essa sympathica obrigação e cumpre sómente á Hungria ter uma noção mais exacta e completa da reciprocidade, concedendo, com menos avareza, a outros, aquillo que, com tanta insistencia, exige para si.

M. BOTELHO.

LIVROS NOVOS

Passionario, romance do Sr. Theotonio Freire. — Recife Typ. F P Boulitreau. 8º gr., 346 pags, 1897.

É um romance de costumes da capital de Pernambuco. Uma rapariga, linda já se vê, filha de operários, fica orphã e pobre, também já se vê. A rapariga tinha deante de si, no Recife, abertos os dous caminhos: O do vicio e o da honestidade. Seguiu este ultimo o que não pouco lhe custou, segundo o romancista. O retrato da heroína é um tanto singular: « era Lucia uma mocetona de carnacão sadio, de corpo insculpido em bronze lavado lembrando no delineamento das ancas pólposas, do collo irreprehensivel e da garganta bem feita, uma soberba estatua de romana ou de gaulleza, na floração esplendida da sua puberdade. »

Estes bronzes, estas pólpos tentaram a um sujeito pouco estimavel e nada interessante, filho da viuva rica de um negociante, madrinha e protectora de Lucia. Arthur, desde o collegio, mostrara-se um desmedido canalha e um refinado egoista. Abastado e levava a vida de um bacharel ocioso na pandega do Recife que o auctor nos pinta como uma cousa babilonica. Lucia resistio ás promessas e seducções. Um dia ou antes uma noite, Lucia, com sôr « virgem e honrada, mas blindada na sua castidade feroz » foi dançar um *côco* em casa da tia Monica. Ali um desordeiro, o Nêco, matou a um alferes n'uma rixa levantada por amor de Lucia. Esta foge espavorida. Á porta da casa, encontra o Arthur e, como estava nervosa, foi dormir á casa deste, fiada no seu juramento de que a respeitaria e decerto, também, na sua blindagem. O Arthur não cumprio o seu juramento mas a blindagem resistio. O auctor aproveitou a occasião para fazer o que se chama realismo. Era obrigado. O Arthur dá para bebado e continua apaixonado. N'uma festa carnavalesca, recebe um tiro de revolver. É levado para a casa da mãe onde é tractado por Lucia transformada em enfermeira. Convalesce, enternecese e casa.

Como invenção, é simples o romance. Como linguagem, é complicadissimo. O Sr. Theotonio Freire ganharia muito desbastando o seu vocabulario. A sua phrase é longa, torturada, difficil e obscura. Mudado o estylo e limitando-se o auctor á simplicidade e á clareza da boa linguagem portugueza que é muito sufficiente quando as idéas são claras, o *Passionario* pode ser um bom romance. Vê-se que o meio foi bem observado e o auctor revela accentuadas qualidades de colorido e de vida que mais se lha de salientar quando o escriptor puder dispor de um mais perfeito instrumento de expressão.

Magalhães Lima : *L'Œuvre Internationale*, 8º 146 pages. Paris, V. Giard et E. Brière, 1897.

Livro redigido em francez pelo publicista Oscar d'Araujo, collaborador do auctor e acompanhado de cartas de Charles Letourneau, Alfred Naquet, B. Suttner, Franz Wirth, de Heredia, Louis Macon, Edmond Thiaudière e Charles Bos. A brochura é dedicada á Humanidade Operaria.

Poucos livros temos visto relacionados com tanta gente, e o auctor, n'um prefacio, diz que, para a elaboração deste livro consultou Ch. Letourneau, Michel Revou, Gabriel Deville, Pi y Margal, Charles Lemonnier, Ferdinand Dreyfus, Le Chevalier Descamps, Georges Renard, Théophile Braga, Teixeira Bastos, Bridges, Louis Bertrand, Julien Pioger, Karl Marx, Frederic Engels, Argyriadès, Max Nordan, Proudhon, Gustavo Chiesi, Frédéric Passy, Louis Frank, Sébastien Faure, Jean Grave, A. Hamon, F. Fontana, etc., etc. As intenções são as mais louvaveis: O sr. Magalhães Lima pretende « emancipar o individuo, a familia, os povos e a humanidade », e no seu prefacio diz-nos que no volume vae contar como se pôde chegar a esse resultado. Charles Letourneau, n'uma carta escripta ao auctor, depois da leitura do seu trabalho mostra-se um pouco sceptico embora elogie, com toda a razão, a nobreza das aspirações do sr. Magalhães Lima, acha que a « theoria tem azas mais que o practica é côxa ».

O problema moderno é singularmente simplificado pelo sr. Magalhães Lima. Para resolvê-lo é preciso fazer triumphar o federalismo, o socialismo e o feminismo e para isso é preciso que todos os intellectuaes estejam de accordo (pag. 13). E nada mais. Ora esta, n'isto é que está justamente a difficuldade. Os intellectuaes são uma minoria em todo o mundo e se elles só governarem para quando ficará a emancipação dos individuos, da familia, dos povos e da humanidade? E demais os intellectuaes hão de sempre divergir. E isto é o que az a belleza do pensamento humano, livre, diverso nas suas manifestações no seu modo de vêr as cousas.

No capitulo I tracto o sr. Magalhães Lima da mulher na familia e na sociedade. É pela autonomia da mulher. E isto é logico porque, mais adeante (pag. 109) pretende o auctor que o ideal moderno « não conhece sexos ». O capitulo II estuda o movimento proletario na Patria e na Humanidade e resume factos. Tractando do Brasil o sr. Magalhães Lima diz que « os annos decorridos de 1852 a 1890 constituiram um periodo de marasmo intellectual para o Brasil occupado então pelas guerras exteriores ». Ora nestes trinta e oito annos apenas durante cinco (1863-1870) teve o Brasil guerras. Trinta e tres annos foram da mais completa paz. Como é que o sr. Magalhães Lima, escrevendo sobre historia contemporanea, sobre um paiz tão ligado a Portugal e onde S. E.ª teve o seu berço, sahe-se com inexacilhões materiaes destas? § E quanto ao tal marasmo intellectual?

N'aquelles trinta e oito annos floresceram os nossos melhores poetas Gonçalves Dias, Magalhães, Porto-Alegre, Casimiro d'Abreu, Varella, Castro Alves; nesse periodo Alencar, Macedo, B. Guimarães, escreveram os seus romances e a tribuna brilhou com a palavra dos Souza Franco, dos Paranhos, dos Torres Homem, dos Zacharias para não fallar senão dos mortos. O sr. Magalhães Lima já n'um outro folheto seu disse que o sr. D. Pedro II mandou assassinar a Pedro Ivo! Ora, ninguém jamais disse, isto e ninguém ignora que Pedro Ivo, com a connivencia das auctoridades, fugio da prisão e embarcando na fazenda da Marambaia n'um navio, já muito doente, falleceu no mar, na altura da Parahyba. Na pag. 88, o sr. Magalhães Lima inventa um presidente dos Estados Unidos que nunca existio, M. Beckwith e attribue-lhe esta phrase pouco

original: « Seja o povo instruido, goze dos seus direitos e pedirá a paz como indispensavel para a sua prosperidade ».

O sr. Magalhães Lima quiz, decerto, citar o nome de George C. Beckwith, ministro da Egreja Congregacionalista, secretario da American Peace Society e editor do *Magazine* « The Advocate of Peace » Este respeitavel *clergyman* nunca foi Presidente dos Estados Unidos.

No capitulo IV, o sr. Magalhães Lima tracta de um outro dos seus remedios para felicitar a humanidade, isto é da federação. Quer o auctor a federação dos povos entre si e das diferentes comunidades nacionaes dentro da patria. Procura demonstrar que o federalismo é idea triumphante. No fim do seu opusculo publica uma carta do sr. Alfred Naquet que é a melhor refutação dessa affirmativa. O agudo escriptor diz ao sr. Magalhães Lima:

« Philosophiquement je suis un unitaire, un centralisateur.

« Je reconnais bien avec vous que, dans le passé, la configuration orographique de la terre a créé, en multipliant les obstacles à la pénétration des peuples, des séries de petites nationalités séparées et autonomes.

« Mais il ne faut pas perdre de vue que les chemins de fer ont percé les montagnes, que la vapeur a rapproché les hommes, que la semaine dernière un steamer traversait l'Atlantique en huit jours — juste trois fois moins qu'on n'en mettait pour venir en patache de Marseille à Paris sous Napoléon I^{er}, qu'en un mot la planète s'est comme rapetissée.

« La France aujourd'hui est plus petite, si l'on juge les distances sur les facilités des communications, que ne l'était il y a un siècle le département des Bouches-du-Rhône, et il est plus facile à cette heure d'administrer Marseille de Paris qu'il ne l'était alors d'administrer Arles de Marseille.

« D'autre part, les voyages se multipliant, les coutumes locales se sont estompées d'abord, puis ont à peu près disparu; les costumes se sont uniformisés, et, malgré des tentatives rétrogrades comme celles des félibres, les patois et les dialectes ont reculé et reculent chaque jour de plus en plus devant les langues nationales.

« Il est un autre point à noter. Autrefois on voyageait peu; on se mariait dans sa bourgade; on produisait et l'on commerçait dans un cercle très étroit, très restreint.

« Aujourd'hui on se marie d'un bout du pays à l'autre; les mariages internationaux eux-mêmes deviennent fréquents, et, quant au commerce et à l'industrie, ils ne connaissent plus d'autres frontières que les obstacles artificiels élevés par les gouvernements sous le nom de douanes.

« Nous en sommes déjà arrivés à ce point que les différences de législations de peuple à peuple créent à la jurisprudence, en matière d'état civil ou en matière industrielle et commerciale, des difficultés inextricables.

« Que serait-ce si la législation variait de province à province?

« Les Etats-Unis commencent à sentir le vice de leur organisation, et il ne se passe pas de jour sans qu'on y entende des plaintes contre la divinité des lois en matière de mariage et de divorce par exemple.

« Quant à la Suisse, elle a déjà si bien senti ce défaut du fédéralisme qu'elle a fait un grand pas vers l'unité en unifiant sa législation sur l'état civil et sa législation commerciale. Elle avait même unifié sa législation pénale en faisant de l'abolition de la peine de mort une loi fédérale; mais devant les protestations des cantons les moins avancés, elle a dû revenir sur cette mesure, et rendre aux cantons leur souveraineté au point de vue pénal, ce qui a été incontestablement une œuvre rétrograde.

« Ajoutez à ces considérations que la tyrannie est d'autant plus féroce qu'elle est plus localisée.

« Dominé par la presse et par la tribune, le ministre de l'Intérieur chez nous n'est pas et ne peut pas devenir un despote. Un maire de village est, au contraire, un despote odieux qui ne comprend que l'écrasement de ses adversaires, et qui les piétinerait s'il n'était retenu par le pouvoir central.

« Est-il, du moins, vrai que la fédération assure la paix tandis que l'unité serait génératrice de la guerre?

« Oui, dans une certaine mesure, mais certes pas absolument.

« La guerre de la sécession, aux Etats-Unis, a été aussi terrible que toutes nos guerres civiles de France et d'Espagne, et de l'autre côté de l'Atlantique les Etats du sud ont été écrasés par les Etats du nord comme l'a été l'ouest par le nord de la France lors de la guerre de la Vendée.

« En Suisse, le Sonderbund est venu également prouver que les nations fédéralisées en appellent, tout comme les autres, à l'ultima ratio, et les Républiques de l'Amérique du Sud donnent, bien qu'elles soient toutes fédérales depuis trois quarts de siècle, le plus épouvantable exemple de dictatures et de guerres civiles qu'on puisse imaginer. »

« Demandez à Guzman Blanco, à Palacios, à Colman — je ne veux pas remonter à Rosas — si la fédération a beaucoup gêné leurs déprédations et leur despotisme — et si on a pu les déraciner autrement que par des révolutions violentes qui d'ailleurs se sont bornées à changer les titulaires du pouvoir sans en modifier les allures. »

O sr. Magalhães Lima, porem pouco se importa com isto e escreve: « Tem-se dicto que as continuas agitações das republicas americanas são um argumento poderoso contra o federalismo. Os que sustentam esta opinião deixam-se enganar por apparencias illusorias. Os peiores servidores não podem obscurecer a excellencia de um principio ». Fica então reduzido a nada o valor da experiencia na sciencia social? Assim parece porque, apesar dos factos em contrario o sr. Magalhães Lima diz que Federação e Paz são expressões equivalentes (pag. 67)!

O sr. Magalhães Lima segue até ao fim do seu folheto exprimindo os seus *pia desideria*: Paz, fraternidade, amor, etc., etc. Cita muito e esclarece pouco e o leitor chega á ultima pagina sem ter descoberto o remedio prometido no capitulo primeiro

Ainda desta vez não ficou resolvido o velho problema da felicidade dos homens

E. P.



O AR DE FAMILIA (*)

I



ois aqui lhe trago meu tio o conselheiro que V. tanto desejava conhecer.

Sylvia pousou a sua chicara de chá sobre a mēsa de laca branca, para estender a mão ao recém-chegado que seu noivo lhe apresentara; e escapou-lhe dos labios uma exclamação admirativa:

— Oh! que surpresa extraordinaria!

— Surpresa, minha Senhora, causei-lhe surpresa? — perguntou, sorrindo, o conselheiro Menezes — E talvez desagradavel? Suppunha-me, quem sabe? melhor figura...

— Ao contrario, ao contrario; é que precisamente eu o imaginava muito mais velho... ou antes, muito menos moço...

Menezes sorriu de novo, visivelmente satisfeito com a resposta; e perguntou ainda: Mas por que mais velho?

— Não adivinha? De ouvir Arthur fallar no tio, no conselheiro, eu fizera idéa de um homem edoso; tio já é um titulo de velhice, conselheiro outro titulo de velhice...

— Bem dicto, perfeitamente bem dicto!

— É que meu tio foi ministro muito cedo — observou, com certa vaidade, Arthur de Lencastre — tinha apenas vinte e seis annos, não é verdade?

— E tão joven soube ser ministro como outros não chegam a sel-o com cabellos brancos — insinuou finamente o Dr. Franco de Lima, velho sabio bondoso, amigo da familia, desde tempo immemorial, e que tinha por Sylvia, com ternuras de pae, adorações de devoto. Era um homem austero e puro, typo de philosopho antigo, desprezado das cousas transitorias, que, sem ambicionar fortuna, nem siquer gloria — premio mais seductor para altos espiritos — vivia quasi segregado do mundo, todo entregue no seu gabinete a estudos varios e profundos; d'ahi sahia unicamente para « espairecer os olhos » face a face com a natureza fecunda, em largos passeios pelos bosques, ou para « aquecer o coração » (eram expressões suas) na sociedade de uns poucos intimos;

as cans não lhe haviam resequido a frescura dos sentimentos, nem a perspicaz experiencia lhe estragara a ingenuidade das emoções. Aquella casa era a que elle mais frequentava; desde a adolescencia conhecêra e tratara com affecto o visconde de Aroeira, pae de Sylvia, muito mais novo que elle; estimava-o devêras, embora lhe lastimasse o genio frivolo, irreflectido, um tanto pueril, que a idade não corrigira; mas de boa mente lh'o perdoava, graças a duas ou tres excellentes qualidades moraes que de ordinario emendavam a tempo as inconsequencias do character. Quanto á viscondessa — dama virtuosa e distinta, que ainda mostrava restos de belleza — o Dr. Franco de Lima se lembrava de a ter carregado ao collo muitas vezes.

— E demora-se muito em Petropolis, conselheiro? — indagou Sylvia — Até Abril, não? É a primeira vez que vem por aqui?

— A segunda, minha Senhora, e demorar-me hei quanto permittir a politica, tyranna inflexivel. Eu já aqui estivera em 80; e fiz logo tenção de voltar no verão seguinte... por que eu tenho uma grande predilecção por Petropolis; acho linda a paizagem, deliciosa esta vida de villegiatura, elegante sem ser massadoramente ceremoniosa... Mas depois, ora por um motivo, ora por outro, me foi impossivel tornar cá; uma vez tive de ir á Europa — em epoca de ostracismo forçado — e lá fiquei dois annos; mais tarde uma campanha eleitoral me prendeu na Córte e no meu districto; finalmente no ultimo verão andei em excursões de sertanejo por umas terras que tenho em Juiz de Fóra, visinhas da fazenda de meu cunhado Lencastre... E assim...

— Justamente meu marido está em Juiz de Fóra ha mais de um mez — disse a viscondessa — está caçando, que é um dos seus gostos favoritos...

E o Dr. Franco de Lima, com intenção levemente maliciosa: — Todos os gostos do Aroeira são gostos de fidalgo, minha boa amiga. Elle veio ao mundo um pouco tarde demais; devia ter nascido ha dois seculos... Repare nisto, conselheiro; já notou sem duvida que esta sala é mobi-

(*) Reprodução interdita em Portugal e Brazil.

liada á moda de Luiz XV; a sala grande tambem; e tanto aqui como na casa do Rio, esse estylo é o que predomina. Não attribua o facto ao acaso, ou a simples escolha artistica; ha ahi outra cousa mais profunda: ha a manifestação de uma sympathia pessoal e historica, que o Aroeira não esconde aliás... Vamos lá, eu não me animo a censural-o por isso; com o temperamento que tem, e as garridas maneiras, e a presença ainda agradável, elle seria sem esforço um optimo Marquez de Versalhes, no tempo do Rei-Sol, nos conselhos do Regente, ou nas festas presididas pela Pompadour...

— Não seja maosinho, meu querido Mestre — insinuou Sylvia docemente — Tudo isso é mais apparencia que realidade. Si visse, conselheiro, o que papae leva a discutir com o Dr. Lima esse thema constante!

E eu, já se sabe, estou pelo visconde! — declarou Arthur de Lencastre com ar triumphal.

Sylvia vira que o seu velho amigo estava tocando numa das principaes fraquezas do pae, nesse motivo eterno de polemica em que de resto o visconde se defendia com alacridade e bom humor. Mas, diante do conselheiro, que alli vinha pela primeira vez, ella não quiz que ao pae tão prezado, e tão captivante apesar de tudo, se pudesse apontar o mais tenue defeito. Na verdade, o visconde era um dos muitos brasileiros que já então iam educar-se na Europa; o conselheiro tambem seguira a seu tempo o mesmo caminho. Mas onde este, preocupado com litteraturas e problemas sociaes, adquirira, sem nada perder da nativa elegancia, conhecimentos serios, idéas solidas e nobres tendencias estheticas, o Aroeira, homem de outra indole, só pensara em gastar com largueza regia a sua regia mezada, cultivando todos os generos de prazer, tornando-se cada vez mais versado em vinhos caros, cavallos de puro sangue, romances duvidosamente mundanos, actrizes bizarras e duquezas admiravelmente formadas e vestidas. Versado em historia tambem pretendia ser; e de certo modo, e até certo ponto, tinha razão. E' que elle estudava d'essa alta sciencia, não o que se estuda mais geralmente — a parte publica, official e grave; mas outra parte mais secreta, mais recondita, mais obscura, que, segundo a sua opinião, instrua o leitor com maior segurança de testemunhos e documentos sobre o character das gentes e das épocas. Chamava a isso — andar pelos bastidores da Historia. Batalhas, congressos, alianças, tratados, deixavam-no indifferente; episodios de côrte, amores de antecamara e de salão, confidencias arriscadas, aventuras escandalosas, perfis particulares de grandes homens e grandes damas, tão diversos na vida intima do que apparentam ser na vida de representação — eis o que para elle tinha

valor e sentido; assim para os reinados de Luiz XIV e Luiz XV, que o visconde tão especialmente admirava, os seus livros de consulta eram os seis tomos da *Chronique de l'œil de bœuf* e outros congeneres, não esquecendo, de certo, justiça lhe se ja feita, as *Memorias* illustres de Saint-Simon.

Bem se vê que com taes inclinações não seria um marido modelo; mas tampouco fôra propriamente um máo marido; no fundo, a esposa o conquistara, pela belleza, pela virtude, pela dignidade natural e simples, sem dureza nem esforço; e, afóra umas quantas escaamuças com lindas senhoras, desejosas de render-se á discrição do sitiante — escaramuças que não se pode dizer sé chegaram á posse de fortalezas tão pouco defendidas — elle sempre lhe provara ternura extrema, sincera e leal dedicação. Não era isso em verdade o que assegurava a voz do povo; mas ahi a voz do povo estava em erro; as maneiras galantes do visconde, e sobretudo a tradição de sua mocidade, faziam suppor mais do que havia...

Pela filha, unica restante de tres que tivera, o seu amor tocava as raias da idolatria. Desde menina a tratara com demasias de condescendencia e debilidadade, fazendo-lhe todas as vontades, adivinhando-lhe todos os caprichos, convencendo-a de que a sua avultada fortuna lhe permittia possuir quanto se lhe antolhasse, cumulando-a, criança, de brinquedos preciosos, mocinha, de vestidos, rendas, plumas, joias, em summa, empenhando-se, involuntariamente, em suscitar nella um d'esses egoismos tranquilllos e incommoviveis, que não só desprezam, mas ignoram todo o soffrimento humano. D'esta arte a teria perdido litteralmente de mimos, si a viscondessa, que não a adorava menos, não oppuzesse desde o começo a taes excessos de carinho uma educação firme e esclarecida.

Ainda assim parecia assombroso que a bella Sylvia houvesse triumphado da leviana influencia paterna até o ponto de ser quem era, compassiva e generosa de alma, activa de intelligencia, docil de indole, e tão dominadora de si mesma! Tinha, é evidente, uma natureza rara, das que com lucido instincto sabem escolher o seu meio, e, sendo preciso, vencel-o... Mas d'ahi justamente surgia um enigma extranho para o velho Franco de Lima, sisudo observador, que com interesse de affecto acompanhava aquelle coração em todas as phases do seu desenvolvimento. Como se explicava que, tão fina, tão elevada de tendencias, com as qualidades em germen de uma mulher superior, Sylvia acceitasse para noivo o bonito rapaz Arthur de Lencastre, superficial e vasio, incapaz de um sentimento que lhe penetrasse alem da epiderme, desprovido, não já de idéas originaes (não é licito exigil-as de todos) mas até de idéas justas

e sensatas? Certo, elle illudia á primeira vista; o seu aspecto agradava, os seus ademanes correctos e sobrios revelavam habitos de boa companhia, o brilho das suas phrases especiosas e paradoxaes (plagiadas com geito) podia arremedar o talento

mas de modo nenhum absurda. E era que as mulheres superiores — á semilhança do que se nota na vida de muitos grandes homens — passam, antes de attingir a maioridade espirital, por um periodo de indecisão e somnolencia, identico



para quem só de vez em quando e por momentos o encontrasse. Mas Sylvia não se teria desenganoado ainda? Não, seguramente; aliás, com o seu genio franco, a incompatibilidade entre ambos latente já se teria manifestado... O sagaz philosopho, após longas reflexões, chegara a formular sobre o caso uma theoria, discutivel porventura,

á modorra profunda da madrugada. Então, aos seus olhos adormecidos, tudo apparece vago, crepuscular, sem contornos fixos, e a indolencia da alma, pesada de sonhos, sopita a curiosidade de investigar mais ao perto as cousas... Depois, a neblina se dissipa, a luz se expande, chega o dia, e com o dia a acção, a responsabilidade, a pleni-

tuda da consciencia e da volição. Sylvia estava nessa quadra... Mas se antes de esgotado o prazo, se consummasse o Irreparavel? Por que o casamento se marcara para d'ahi a quatromeses. Que desencanto então, que terrivel e amargo desencanto, *quando ella despertasse!* A sua existencia, tão cheia de promessas floridas, ficaria, de um golpe, estragada para sempre...

O Aroeira, como era de suppor, se declarava positivamente fascinado pelo noivo que escolhera a dèdo para a filha. — Ao menos — dizia — ella terá um marido alegre, bem disposto, bem parecido, que não lhe ha-de negar passeios, bailes, opera lyrica, viagens, tudo o que vale a pena gosar do conforto e da civilisação! — Mas a viscondessa, cujo amor vigilante não se contentava com tão pouco, nutria serias inquietações; oppuzera-se muito a principio, mas o Dr. Franco de Lima, esperando no tempo que, segundo o proverbio italiano, *è galantuomo*, a persuadira de que « ainda não havia chegado a sua hora ». Ella e o velho se combinavam ás mil maravilhas sobre o assumpto; e outra cousa não significava o olhar de intelligencia que trocaram, quando Arthur de Lencastre fôra sentar-se ao lado de Sylvia na *bergère* forrada de sèda verde canna, com a naturalidade de quem já se considera pertencente á familia.

Menezes, esse, estava deliciado com quanto via e ouvia desde que entrara. O proprio *five o'clock tea* singularmente se harmonisava com os seus habitos inglezes!

Mas isso era o menos: Todo o gyro da conversação lhe revelava ahi um ambiente de intimidade sem descahimentos vulgares, e de curiosidade intellectual sem sequidão nem pedantismo. Sylvia, sobretudo, o surpreendia, o dominava, pela simplicidade, pela graça amavel, pela cultura do espirito, e por essa doçura da voz a um tempo cariciosa e timida, que denuncia a virgem prestes a amar muito. E que formoso typo de moça! Que cadencia musical de movimentos, que esbelteza aligera de porte, que talhe subtil e quebradiço, no seu vestido elegante de batista còr de palha, guarnecido de rendas valencianas, tão proprio para realçar-lhe o rosto moreno que os cabellos negros suavemente ensombravam!

E ficava a pensar : De que artes se valeu este tolo de meu sobrinho para descobrir uma noivinha tão linda?

Por seu lado, Arthur de Lencastre, como em resposta, dizia comsigo : O tio-conselheiro, com todo o seu engenho, obterá na politica as victorias que quizer; mas deixe lá que noiva comparavel á minha duvido bem que a consiga!

Nisto, um criado veio annunciar que os carros esperavam á porta.

— Quer vir comnosco ao Alto da Serra, con-

selheiro? Venha! É o momento de mais concorrência, e ha-de ver lá muita moça bonita.

Partiram todos, menos o Dr. Franco de Lima, que detestava os passeios de moda. Já pela rua de D. Affonso, onde morava Sylvia, outros carros passavam, com gente conhecida, da fina flôr de Petropolis; e trocavam-se no caminho comprimentos affaveis, como entre pessoas acostumadas a encontrar-se todos os dias.

II

Nas cidades de verão, rapidamente se estreitam as relações; pertencendo á mesma sociedade, e com o accrescimo ainda de um parentesco em perspectiva, Menezes e a familia Aroeira andavam juntos quasi constantemente; ora em excursões matinaes á Cascatinha, e á Rhenania, onde os bons colonos allemães lavravam terras, fabricavam cerveja, e cosiam o dourado *kuchen*, ora nas kermesses do Palacio de Crystal e nos bailes do hotel Bragança, o contacto moral era permanente, e a mutua confiança bem depressa se firmara. A mãe de Arthur, D. Manoela de Lencastre, viera a Petropolis por alguns dias; mas tornara logo á fazenda, onde passava metade do anno. Aroeira voltara das caçadas, e se regozijava com a assidua presença de Menezes; prezava neste o homem de espirito, ainda cheio de juventude; pois só estava bem, dizia elle, na sociedade dos moços, affirmando que não se confessaria velho, emquanto lhe restasse um dente na bocca; e ria-se para mostrar que os tinha ainda todos. Alem d'isso, adquirira mais um companheiro à mèsã do whist e do voltarete.

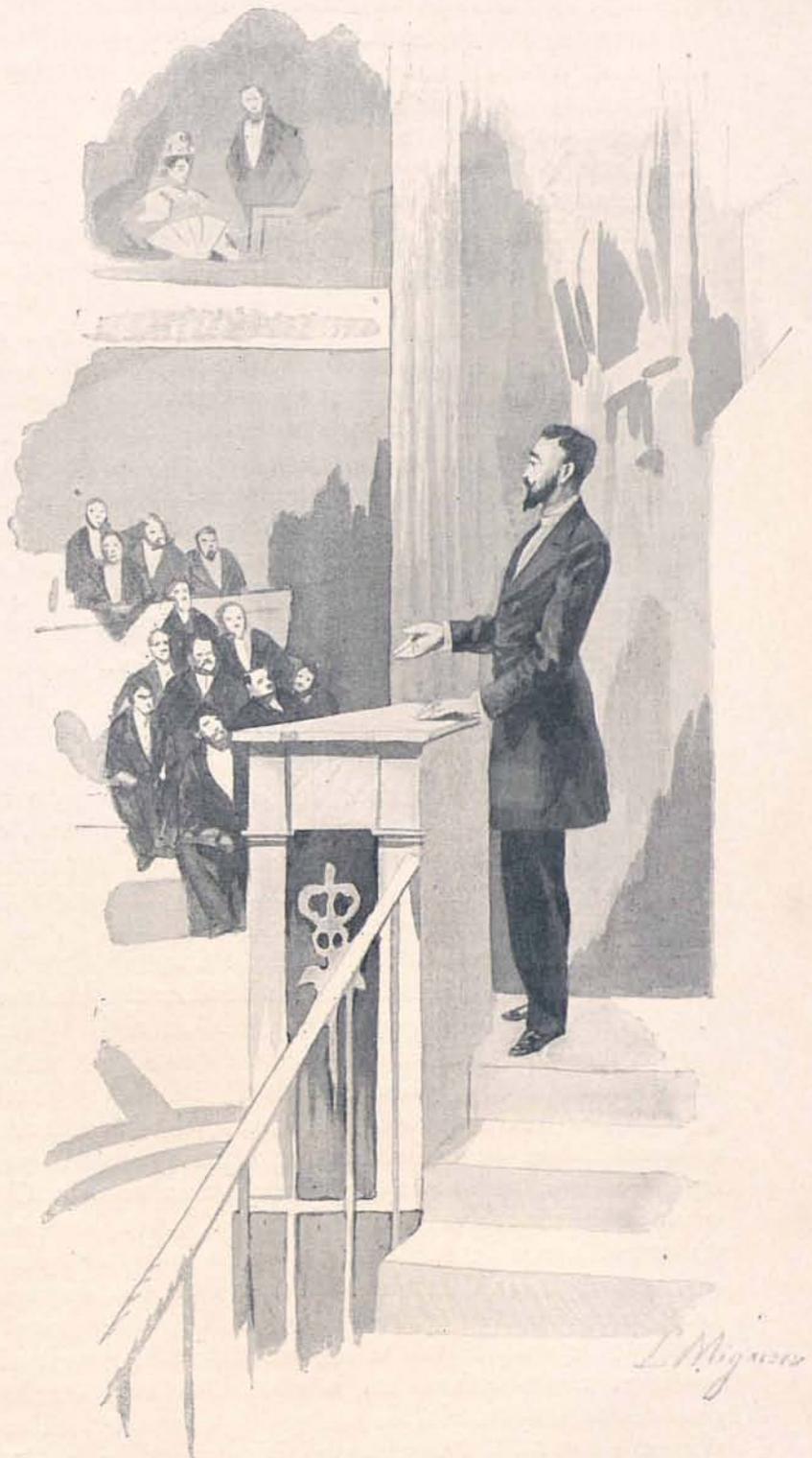
Para Menezes, porem, o prazer de achar-se em tão selecta companhia, ao passo que ganhava em intensidade, ia perdendo pouco a pouco em placidez e doçura. Na sua vida, já tão agitada pelas alternativas da politica, entrara sorrateiramente um novo elemento de agitação que elle não podia — não queria tambem acaso — discernir com justeza. Era uma sensação vaga, confusa, mas real, intermittente a principio, depois quasi continua; uma sensação penosa, como as que affligem os neurasthenicos, e cuja natureza meramente subjectiva os proprios medicos mal determinam, capitulando-as de simples desordens funcçionaes sem lesão organica... Elle estava affeitado ver claro dentro de si mesmo; não que fosse um d'esses caracteres positivos e concretos, onde a semente do sonho não se fecunda; reconhecia-se, ao contrario, fortemente idealista; mas sabia analysar e decompôr as suas proprias chimeras. Ahi, entretanto, *não ousava* descer até o âmago da emoção...

Por que despertava cada manhã, inquieto, perplexo, como quem sente faltar-lhe algo, sem acertar o que? Por que cada noite, voltando da casa dos Aroeiras, monologava pelo caminho, perdia-se entre idéas sem nexos, contemplava com enlevos de romantico a linha alva e nebulosa da Galaxia no ceo escuro, debruçava-se nas pontes da rua de D. Affonso olhando com preguiça o deslizar do rio, e, chegado ao seu quarto, ficava até horas tardas, sem poder dormir, passeando de um lado para outro, mexendo em livros, mexendo em papeis, para distrahir o seu estranho phrenesi? Por que muitas vezes, absorto a jogar whist com o visconde, uma palavra de Sylvia, que entrava na saleta — uma palavra banal, fugitiva — o fazia estremecer de repente, como um choque electrico? Por que a alma toda se lhe dilatava em gosos ineffaveis, quando, discutindo-se qualquer questão, elle percebia — e percebia-o quasi sempre — que a opinião de Sylvia concordava com a sua? E por que ainda uma surda hostilidade o animava contra o sobrinho, contra as suas vaidades, contra as suas tolices pretenciosas, que elle antes supportava com indulgencias plenarias?...

Começou por attribuir tudo isso aos nervos. Tenho um organismo demasiado impressivel — pensava — As menores cousas tomam logo para mim proporções enormes. — E continuava a argumentar: Que em verdade Arthur proferia, não raramente, de um modo muito elegante, disparates muito barbaros! E quanto a Sylvia, não, em verdade, elle não a merecia, e nunca a faria feliz! — A minha sensibilidade doentia em relação a essa admiravel moça — concluia vigorosamente — não é mais que o resultado de uma estima reflectida pelas suas qualidades excepcionaes, complicada com a persuasão desoladora de que o futuro não lhe trará as merecidas venturas!

A idéa de estar apaixonado por ella lhe andava tão fóra do espirito, que innumeradas vezes as suas cogitações a circumdaram sem a penetrar, como um exercito que rodeasse por todos os lados uma cidadella sem pensar em conquistal-a. Porfim, isso se lhe esboçou um dia na mente, mas apenas como hypothese longinqua, improvavel... Energeticamente, elle combateu a suspeita. Que absurdo! e que situação ridicula seria essa! que diria sua irman si pudesse desconfiar siquer?... e como Sylvia lhe escarneceria a ingenuidade!

Seria, diria — formulas condicionaes... Como si formulas condicionaes extinguissem incendios, salvassem naufragos! O effeito de tal controversia intima foi o que havia de ser por força: Menezes rendeu-se à evidencia.



Bem! — exclamou sem hesitar — accitemos o facto, já que é um facto; tratemos de circumcrevel-o, de prevenir-lhe, melhor que remediar-lhe, as consequencias. — E traçou o seu plano estrategico; antes de tudo, cumpria que Sylvia nunca percebesse a malfadada paixão; era facil, guardando elle a reserva necessaria — e saberia

guardal-a. Ella o considerava um amigo respeitavel, um futuro tio; nada mais incompativel com idéas de amor e ternura... Isso era tudo quanto a Sylvia, e quanto á sociedade, cujos sarcasmos elle temia mais por ella que por si.

Mas elle mesmo? porventura se julgaria quantidade omissivel nessa combinação moral? O seu coração nada valia? nada valiam o problema da sua felicidade, os seus direitos de homem, as suas aspirações mais entranhadas, que assim destruia, cruelmente, com as proprias mãos? Havia, comtudo, certo consolo — certa voluptuosidade talvez — em sacrificar-se estoicamente, sem que um ai, sem que um gesto trahisse a sua dor... Elle morreria com graça, como o gladiador antigo, e morreria na solidão inexpugnável dos fortes, para que a gente do amphitheatro mundano não o insultasse com os seus applausos, ou com a sua piedade grosseira... Mas, vendo que supplicios lhe custava cada nova visita a casa dos Aroeiras, breve se convenceu de que morrer uma só vez na paz eterna é menos difficil e terrivel que morrer todos os dias sem esperança ao menos de um descanso transitorio...

Pensou então em ir-se, em fugir para sempre aquelle encantamento fatal e divino. Partiria... mas para onde? para o Rio? era o mesmo que ficar alli; occasiões de encontro não faltariam... Para a Europa? e aggravaria a sorte má com as agruras do desterro? e abandonaria assim, covardemente, não os seus interesses politicos — nada lhe importavam — mas a grande causa liberal e humanitaria a que dedicara até então todo o seu esforço? E de resto, coragem de partir, elle não a teria; a consciencia bem lh'o attestava. Era mais doce soffrer tormentos infinitos com a infinitamente deliciosa compensação de vel-a sempre... Para não ser tão fixa a obsessão amorosa, quiz trabalhar muito, atirar-se de corpo e alma ao turbilhão da vida publica, encher de tal modo com elle todas as horas do dia, que não lhe restasse tempo para aguçar os espinhos da sua dor. Van e errada tentativa! Elle não era um *politician* vulgar, dos que no subsidio, nas fraudes eleitoraes e nas intrigas dos corredores da Camara resumem o seu unico programma. Tinha-se preparado seriamente, austeramente, para ser um estadista; lêra muito, meditara muito sobretudo, e observava sem cessar o genio da patria, os costumes e as necessidades do povo. Tendencias de iniciativa e progresso, tanto como tradições de familia, o haviam levado ao partido liberal; e no partido liberal era dos mais adiantados. Desde a sua estréa na Camara, encontrara no primeiro plano a questão do elemento servil; muitos dos seus companheiros hesitavam ante a reforma audaz, ou a combatiam rudemente; elle se decidiu sem demora

a servil-a com todo o vigor das suas faculdades. A generosidade nativa, o Evangelho, a intuição da honra nacional e da solidariedade humana, tudo o impellia á solução radical do problema; a abolição completa da escravatura no mais curto prazo possível. Com taes principios de justiça, a propaganda emancipadora, levada avante por um grupo de espiritos escolhidos, ia de victoria em victoria, e tinha repercussão estrondosa no paiz inteiro. Menezes, pela instrucção vasta e pelo notavel talento oratorio, occupava nessa legião salientissimo posto.

Em casa do visconde, se reuniam deputados e senadores de todos os matizes; elle recusara sempre — por apego á commodidade, talvez um pouco por scepticismo, — acceitar mandatos politicos; isso fazia da sua residencia um terreno neutro onde todas as opiniões podiam encontrar-se. Assim, a magna questão apparecia com frequencia na conversa, é certo que em tom mais brando do que tomava tratada na imprensa ou no Parlamento. Aconteceu por vezes que Menezes, defendendo com eloquencia as suas idéas, se viu isolado face a face com uma duzia de adversarios; quando elle verberava as infamias do captiveiro e a sua detestavel influencia na educação nacional, respondiam-lhe com o respeito devido á propriedade legal, com a impossibilidade de substituir tão de prompto o trabalho servil pelo trabalho livre, com a necessidade de lisongear as classes conservadoras, cujo apoio a abolição alienaria do throno... Aroeira não tinha enthusiasmos por ella. Não queria argumentar com o vasto papel da escravidão nas civilizações antigas — declarava — para não sahir dos sempre caros *bastidores da Historia*; mas diria de passagem que sem a escravidão, sem o conforto, a grandeza, o adiantamento artistico que o seu trabalho colossal assegurou em proveito das castas privilegiadas, nem Grecia nem Roma seriam o que foram; o Parthenon e o Colyseu nunca teriam existido... Não negava que o Christianismo tinha mudado as condições sociaes; mas a caridade não devia proceder cegamente; e para esses pobres negros broncos e quasi animaes a liberdade não seria antes mal que bem? não eram elles mais felizes nas fazendas, quando os donos os tratavam com doçura? Havia *senhores* barbaros, havia; que se fizesse, pois, uma lei severa contra elles, e estava tudo remediado... Arthur de Lencastre concordava, lastimando apenas que, em vez da raça africana — feia e inferior — não tivessemos bellos escravos, escravas bellas principalmente, como na Persia e na Turquia. O Dr. Franco de Lima, quando estava presente, advogava os interesses do abolicionismo moralizador; mas com tal serenidade e tão imparcial philosophia, que a sua voz pausada destoava,

pela frieza, da atmospherá encandescente em que se debatia o problema. Quem resolutamente se punha ao lado de Menezes, era Sylvia; ouvindo-o, vibrava toda; a alma compassiva e generosa se lhe exaltava; e a sua piedade catholica, o seu dó pelos desgraçados captivos, a sua vergonha pelo que vira de crueldades e pelo que a innocencia só lhe permittia suspeitar vagamente de degradações, lhe irompiam dos labios em palavras ardentes. E Menezes sentia o seu coração ir-se fundindo com o d'ella, como metaes ao calor de um fogo intenso.

conde. Arthur de Lencastre baixava muito de cotação. Sylvia o tratava ultimamente com frieza mal dissimulada, e parecia recolhida em meditação profunda. Aroeira, num momento de franqueza, em que o bom senso lhe supplantava todas as phantasias (o que felizmente não era raro), dizia rindo ao Dr. Franco de Lima: Eu gosto muito do Arthur, e o seu temperamento vae com o meu ás mil maravilhas... Mas é preciso confessar que o Menezes é outro homem! o Menezes é homem de valor, de grandissimo valor!



Desde então Sylvia esteve indissoluvelmente unida não só á sua vida affectiva, mas á sua vida civica tambem; tornou-se, como Beatriz, como Nathercia, a mulher symbolica, a divina creatura, a sua inspiradora, a sua Musa, nessa obra que era ao mesmo tempo uma acção meritoria e uma criação de sublime poesia. Nas suas scismas longas de namorado, elle a contemplava apparecendo nas senzalas escuras e tristes como redemptora angelical, formosa de uma eterna formosura, para desatar nos pulsos dos servos os grilhões da secular tyrannia...

Era singular o que se passava em casa do vis-

conde. E o sabio octogenario segredava á viscondessa: Lembre-se do que eu lhe citava, minha amiga: *Il tempo è galantuomo!* Bellas cousas se preparam!

III

Nessa tarde, no chalet das Larangeiras — a familia do visconde já descêra de Petropolis como toda a gente, tendo acabado o estio — conversava-se muito animadamente, e até com certa agitação. Houvera mudança no governo; cahira o gabinete,

e tratava-se de organizar outro, sabendo-se já quem era o senador incumbido da escabrosa missão. O partido liberal mantinha-se decididamente no poder; e os jornaes da manhan haviam annuciado que o presidente do conselho convidara Menezes a entrar no ministerio, offerecendo-lhe a pasta da justiça. — Aceitará? não aceitará? — perguntava-se por toda a parte; a curiosidade geral andava fortemente interessada, por que as idéas de Menezes eram notorias, e a sua presença no governo imprimiria, sobretudo em tal conjuntura, rumo inteiramente novo aos negocios publicos. Aroeira e a familia não fallavam de outra cousa. Menezes, retido pelas absorventes tarefas da crise politica, estivera toda uma semana sem apparecer.

— Eu tenho quasi certeza de que aceitará — dizia o visconde. — O presidente do conselho é grande amigo d'elle, e já o era do pae...

— Pois eu duvido muito que aceite — replicava Franco de Lima — precisamente por causa do velho senador, que é demasiado prudente, timido até, em relação ao elemento servil... Não quererá tocar nesse barril de polvora...

A viscondessa era do mesmo parecer. — O conselheiro Menezes — observava — é antes de tudo um homem de principios.

Sylvia, pensativa, calava-se.

— Eu é que nunca perdoarei a meu tio — affirmava Arthur — si deixa escapar esta nova occasião de ser ministro!

E o visconde, com placidez : — Sim, eu comprehendo que elle trabalhe pela abolição; mas não vejo por que ha-de ser tão intransigente, que recuse um cargo onde pode prestar optimos serviços, enquanto espera que a questão dos escravos entre em phase mais adiantada... Emfim, hoje mesmo saberemos o que ha, pelo primo Soares, o deputado, que prometeu trazer-me noticias immediatas. Em vez d'elle, veio o proprio Menezes d'ahi a poucos instantes.

— Então podemos saudal-o outra vez ministro? — perguntou Aroeira alegremente.

— Não, eu não sou ministro; estou ao contrario na opposição. Impuz como condição da minha entrada um compromisso formal de agitar o problema da emancipação; sem isso o gabinete será esteril como os outros. O presidente do conselho recusou, e eu me retirei...

— Ora, que pena! que pena!

Todos lastimavam o facto, uns por Menezes mesmo, outros pelo governo.

Sómente Sylvia, dirigindo-se a elle, e apertando-lhe as mãos com as suas mãos tremulas, exclamou vivazmente :

— Procedeu muito bem, conselheiro! Assim procedem os que têm um ideal superior á vaidade

da farda e á ambição do poder! Cresceria por isso na minha estima, si esta já não fosse completa!

A voz lhe vibrava sentida, e os seus olhos negros estavam humidos. Menezes attribuiu isso a enterrecimento feminino, a emoção humanitaria...

Tres dias depois, o ministerio se apresentava á Camara. Já varios deputados haviam fallado, quando Menezes pediu a palavra; e, ao começar o discurso, como casualmente olhasse para a tribuna fronteira, divisou nella, entre outras senhoras, Sylvia, que não despregava d'elle a vista, immovel, embevecida. Percebeu logo que era aquella a hora culminante da sua existencia até então, e que as suas faculdades iam attingir de subito o grao maximo de intensidade e perfeição. Em verdade nunca fallara tão bem. Lamentando a cegueira do governo que não queria ver na propaganda abolicionista o unico facto digno de attenção nesse momento historico, e trahia o partido liberal cuja missão era animar e desenvolver as aspirações justas do paiz, respondendo ás objecções dos adversarios, mostrando a seria responsabilidade do Brasil diante do mundo culto e da civilisação christan, prognosticando, com a proxima queda do gabinete, a victoria final da magna Idéa, tinha rajadas de inspiração como um poeta lyrico, ao mesmo tempo que argumentos nitidos e cerrados, proprios de uma intelligencia practica, nutrida de estatística e sciencias sociaes. O discurso semelhava uma ode, escripta com signaes algebricos. A principio escutaram-no em silencio; depois, pouco a pouco, applausos espontaneos e clamorosos partiam do recinto e das galerias, a ponto de intervir varias vezes o presidente, reclamando ordem. E nesse entusiasmo terminou a sessão; ninguem se atreveu a responder-lhe.

No corredor da Camara, Menezes se achou frente a frente com Sylvia que o esperava; e empallideceu como si todo o sangue lhe refluisse ao coração.

— Esplendido triumpho, conselheiro, esplendido triumpho! — Então, palpitante ainda das commoções que o tinham enfebrecido, elle esqueceu instinctivamente a discrição absoluta que jurara guardar, não podendo esconder naquelle instante supremo o tumulto moral em que se debatia; e disse, com amarga melancholia : — Inuteis e passageiros triumphos, minha Senhora; amanha nada me restará d'elles. E que importa uma sombra de gloria a quem nunca ha-de ser feliz?... O meu sonho, o que eu chamo — meu sonho — jamais se raelizará.

— O seu sonho? e qual é o seu sonho? e de quem depende...

— Oh! não me faça ir alem! Já disse mais do

que devia. E receio que tenha compreendido de masiadamente...

— E por que não quererá reconhecer a evidencia? Tão pouco lhe mereço eu, que nunca tenha buscado ler na minha alma? Eu sei tudo o que ha na sua, e...

— É possível? Devo então esperar...

— Não é só possível, é verdade. A nossa união moral vem se formando de longa data, e já agora ninguem nos hade separar. De resto, será para bem de todos!

— E esse pobre Arthur... sacrificial-o-ha?

— Oh! meu querido amigo! Elle se consolará facilmente! Nunca me amou, nem podia amar-me; só ama a si proprio. Ha tres dias, depois da sua ultima visita, lembra-se? disse-lhe tudo!

Aroeira, quando soube dos novos projectos, ficou assombrado; mas, reflectindo, concordou com um sorriso: Vamos lá! Alijemos o Arthur! — Franco de Lima e a viscondessa estavam radiantes.

Arthur, com effeito, como Sylvia calculara, se consolou bem depressa. Andou viajando uma semana, por decencia; e, ao voltar, já nem vestigio da vaidade humilhada se lhe distinguia no semblante fresco e bem disposto. Encontrando-se na rua do Ouvidor, á porta do Luiz de Rezende, com dois amigos, rapazes, como elle, da roda elegante, contou-lhes o caso:

— Sabem vocês de uma novidade? A Sylvia se casa...

— Ora essa! si é sua noiva...

— Mas não se casa commigo... casa-se, adi-

vinhem com quem? com meu tio o conselheiro Menezes!

— Oh! que desenlace imprevisto! Mas tambem a culpa é sua; não foi você que o levou lá?

— Paciencia! talvez assim seja melhor... — E vendo passar na calçada as duas filhas do barão de Mendes:

— A mais moça é linda... uma joia! E dizem que rica...

— Riquissima, caro Lencastre!

Cerca de um mez mais tarde, Menezes, passeando a sós com Sylvia na chacara das Laranjeiras, ao suave crepusculo do outono, lhe disse de repente:

— Ha uma cousa que eu nunca cheguei a entender. Como é que você pôde gostar um dia, uma hora, do meu sobrinho Arthur?

— Eu tambem tenho posto a tractos o meu espirito para explicar essa extranha aberração. E porfim achei a unica razão possível: gostei d'elle precisamente por ser seu sobrinho!

— Por ser meu sobrinho?

— Sim, foi o ar de familia que me illudiu. Por differente que elle seja de você, ha entre ambos essas vagas semelhanças que revelam o mesmo sangue. Não é tão frequente ver-se uma moça bonita parecida com um pae feiissimo? Ora, como eu estava destinada a amar um homem do seu aspecto, taes semelhanças me enganaram. Por isso tambem, quando o typo superior da raça appareceu, o typo inferior que era ellê, ficou reduzido a nada. Sim, *foi o ar de familia!*...

MAGALHÃES DE AZEREDO.



Guilherme II na Hungria

RARISSIMAS vezes terá o soberano allemão, nas continuas e innumeradas visitas que faz, occasião de receber, um tão extraordinario e deslumbrante acolhimento como o que teve em Buda-Pesth. Dir-se-hia o regresso á patria de um rei venerado apoz longos annos de guerras e conquistas victoriosas. A bella cidade do Danubio não soube o que fazer para offuscar a imaginação do seu hospede. O entusiasmo popular, vindo mesmo da verdadeira plebe, impedia nas suas ruidosissimas ovações, os passos do monarcha. A Hungria vio n'esta visita de Guilherme II uma lisongeira e delicada attenção da parte do chefe da triplice alliança vindo passar uma revista nas suas planicies e discursar de politica na sua capital. A recepção foi grandiosa. Rodeado de todo o esplendor pela presença completa da cõrte Austriaca, com o seu velho imperador a frente e por toda a nação hungara official e popular. Diziam de certo os hungaros : « O imperador Guilherme é um amigo sincero e um fiel alliado de nosso rei e nós alegramo-nos saudando-o como tal. Para nós a sua visita é, sobretudo, importante porque é a primeira vez que o chefe de um grande Estado vem officialmente a Budapesth ». Esta visita terá como effeito consagrar definitivamente o character de capital independente da bella cidade. As acclamações ao soberano allemão foram em grande parte dirigidas tambem a Francisco José a quem os madgyares são gratos pelo lugar que elle lhes deu na monarchia Austro-Hungara. A estação central de Buda-Pesth, ricamente ornada, desaparecia sob as tapeçarias vindas do castello de Buda. O barão Banffy,

presidente do conselho de ministros da Hungria, acompanhado de todo o alto pessoal administrativo, foram os primeiros a comparecer ; chegaram depois os archiduques Francisco Fernando, José, Othon, e José Augusto todos vestidos de uniformes de regimentos allemães de que elles são chefes honorarios. Numerosos *eljens* partidos da multidão annunciaram a chegada de Francisco José, vestido de feld-marechal prussiano, com a gran cruz da ordem da Aguia Negra e acompanhado de um brilhante estado maior de generaes e ajudantes de campo.

Sua Magestade passou em revista os batalhões da guarda de honra quando a artilharia começou a troar. Vinte quatro tiros de canhão annunciaram a chegada do trem de Guilherme II, que entrou na estação sob uma tempestade de vivas. O Regimento de Maria Theresa apresentou armas e a musica executou o hymno prussiano *Heil Dir in Siegeskranz* « Saudamos a ti que trazes a corôa do vencedor ». O imperador allemão em pé, á porta do seu carro-salão, vestido com o uniforme dos

hussares austriacos e trazendo a gran-cruz da ordem de Santo Estevão fez a continencia militar. O trem parou, Sua Magestade desce, e, indo ao encontro de Francisco José, abraçou-o cordialmente. Saudou os archiduques e foram-lhe apresentados os ministros os generaes e as senhoras. Comprimntou e conversou com affabilidade e sahio da estação em companhia do imperador d'Austria, tomando os dous soberanos uma equipagem de gala da cõrte, atrelada a cinco cavallos. A multidão levantou vivas e o cortejo partio para a cidade em meio das



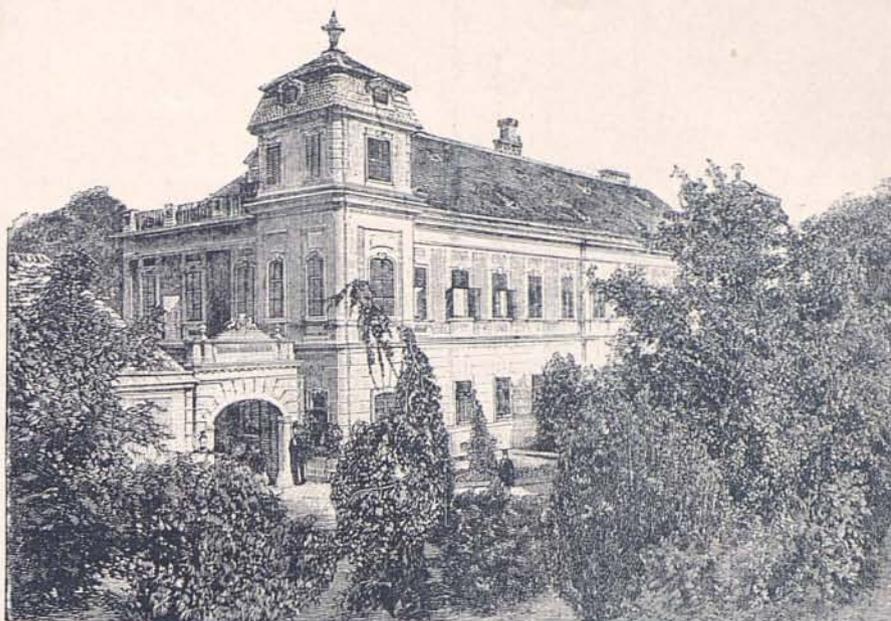
Do *Illustrirte Zeitung*.

Chegada dos Imperadores a Totis.

ovações da população, das salvas da artilharia e ao som da musica, dos tambores e dos clarins dos regimentos formados uma dupla ala. Á entrada dos quarteirões centraes, um arco de triumpho, interpretando a imãginção magyar, saudava o Kaiser Allemão com essas duas palavras escriptas em letras colossaes : AVE CAESAR! Em seguida á equipagem imperial vinham as dos archiduques, as dos personagens da comitiva dos imperadores e as dos ministros e magnatas.

Os monarcas e principalmente o imperador d'Allemanha, agradeciam com visivel emoção o povo que os acclamava. Chegados ao castello real de Buda, Guilherme II foi recebido pelas archiduquesas e pela a nobreza hungara que lhe foi apresentada. O programma completo da estada imperial, foi observado com rigor.

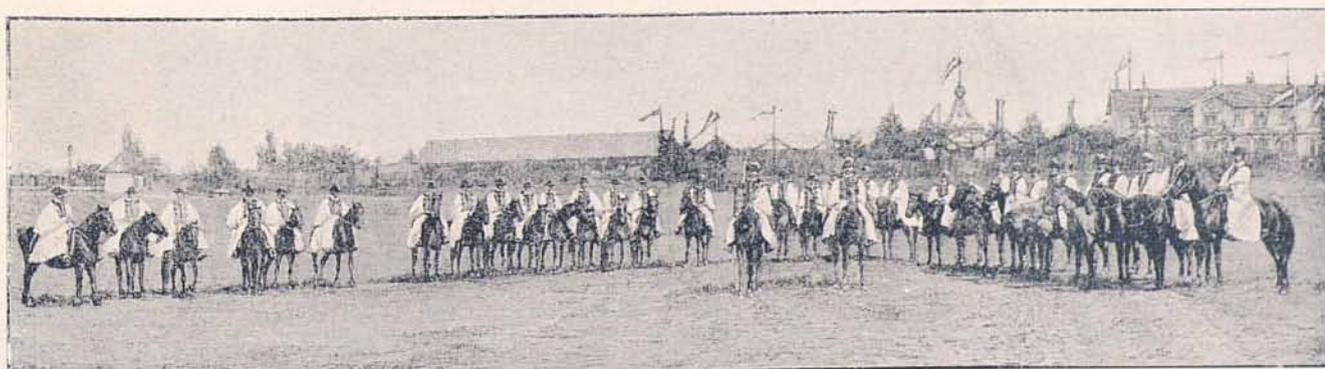
Na visita detalhada a Buda Pesth e aos seus monumentos, Guilherme II admirou o parlamento hungaro felicitando calorosamente o architecto pela soberba e imponente construcção. Houve passeios no Danubio illuminado em todo o seu percurso pela cidade, jantares e representações de gala, partida para o castello de Totis onde os soberanos assistiram durante dous dias ás grandes manobras. Totis é uma velho e interessantissimo burgo de dez mil habitantes. Tem nos seus arredores um bellissimo lago de quatro kilometros rodeado da uma pittoresca floresta cheia de vivendas de recreio, pertencentes as melhores familias de Buda-Pesth. Não muito longe fica o secular castello



Do Illustrirte Zeitung.

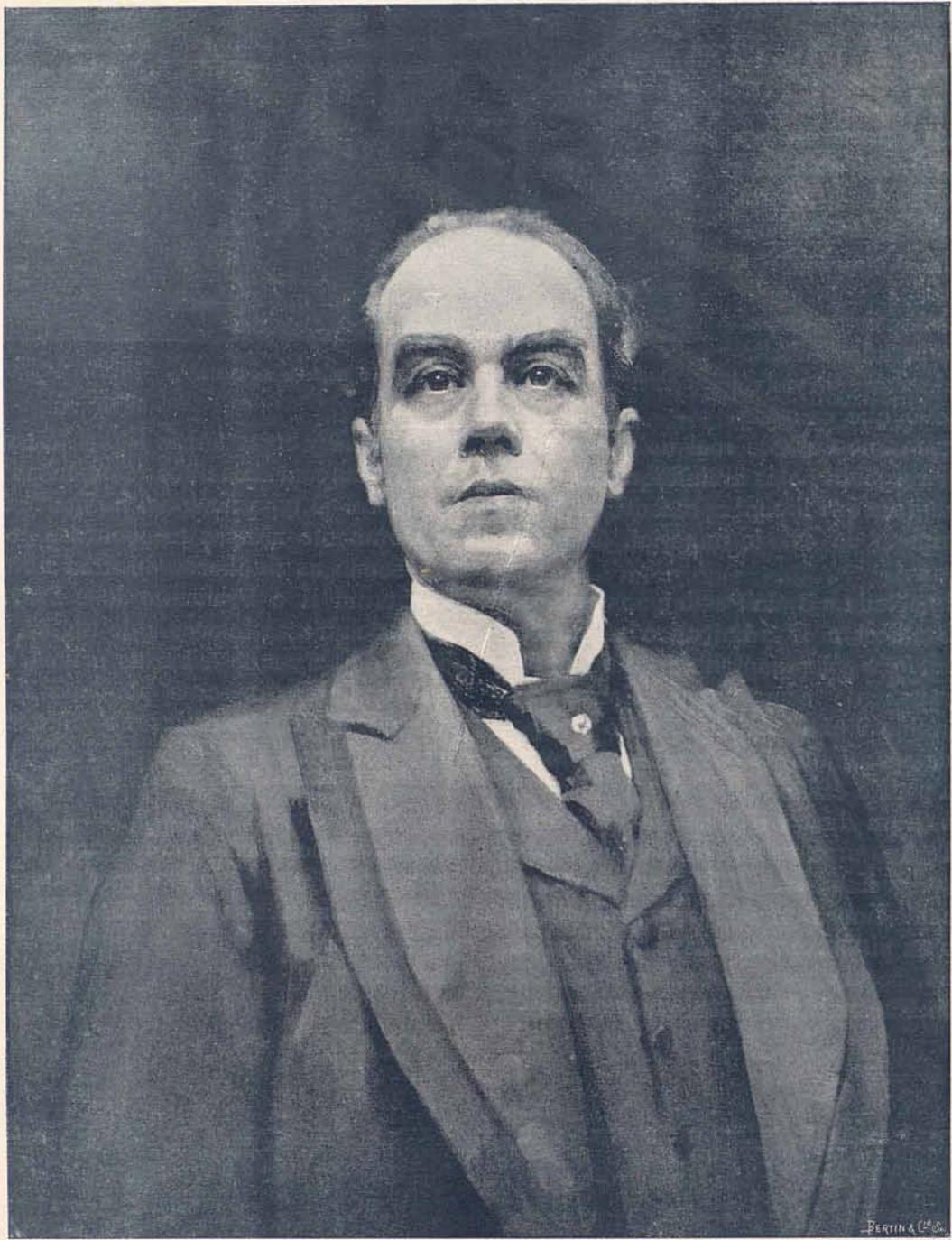
O Castello de Totis.

de Esterházy cujas terras possuem admiraveis grutas com stalactites e immensas pedreiras de marmore. O typo nacional hungaro domina verdadeiramente n'esses camponezes de Tata-Tóváros, sendo as mulheres de uma notavel belleza, Guilherme II e Francisco José fizeram diversas excursões n'essa interessante região, que regorgitava de tropas de todas as armas, enchendo de vida e animação essas planicies habitualmente tranquillias e despovoadas. Seguiram-se depois as grandes caçadas no dominio real de Puersche e depois o regresso a Buda-Pesth onde Guilherme II, no grande banquete de despedida, fez uma bella e entusiastica saudação á Hungria e á sua gloriosa historia. A partida para Berlim foi ainda motivo de maiores acclamações feitas ao soberano por todo um povo que elle verdadeiramente soube conquistar.



Do Illustrirte Zeitung.

Alabardeiros Hungaros da Guarda Imperial.



ANTONIO CANDIDO

Retrato pelo pintor português Salgado, exposto no ultimo Salão de Pariz (Campos Elyscos).

Antonio Candido

O PINTOR portuguez Salgado tem exposto, em annos successivos, no Salon dos Campos Elyseos, bellas obras que lhe têm valido o applauso do publico e dos criticos. Em 1897, expoz o bellissimo retrato de Antonio Candido hoje reproduzido pela *Revista Moderna*.

Este notavel retrato bastaria para a nomeada de um artista. Salgado, tendo como modelo aquella figura sympathica e brilhante gloria da eloquencia e das letras de Portugal, produziu uma verdadeira obra d'arte. E fez tambem obra de patriotismo fixando na tela, para a posteridade, o vultu nobre de um portuguez illustre.

Ha annos que, sem rivalidades, sem decrescimento de prestigio, sem diminuição de auctoridade, Antonio Candido exerce em Portugal uma verdadeira realza: a da palavra. Não se é facilmente o primeiro orador de um povo meridional onde todos fallam com a facundia de uma raça viva e ardente. E quão extraordinario não deve ser esse dom maravilhoso para que, deante delle todos se curvem, sejam quaes forem os vai-vens da popularidade, os desalentos do momento, e as desillusões do tempo?

O dom de bem fallar, quando é a resultante do dom de bem comprehender, e quando o fallar sempre com elegancia é, como em Antonio Candido, a expressão elevada e instinctiva de um sentir sempre nobre — teve, em todos os tempos e terá sempre, uma influencia avassaladora emquanto os homens viverem reunidos em sociedade. Essa palavra arrebatará a mocidade como Antonio Candido fazia em Coimbra, quando os estudantes estendiam as suas capas pelas ladeiras da cidade, levando-o em triumpho até a sua casa.

Ainda muito joven, em Coimbra, ensinava direito. E mais do que o conhecimento positivo das leis elle inculcava aos seus discipulos o amor da justiça, o enthusiasmo pelas causas grandes e a aspiração aos nobres ideaes.

Desejava Solon que o mais obscuro dos cidadãos tivesse escripto na sua frente o seu pensamento sobre as cousas do Estado. Como podia Antonio Candido, elevado já á gloria pela admiração das gerações novas, deixar de pensar na patria que amava, embebido nas grandezas da sua historia e na poesia do céu e da paisagem para a qual abria os olhos ao nascer?

E a sua alma, limpida, clara e sonóra não podia silenciosa.

Antonio Candido deixou a athmosfera dos enthusiasmos de Coimbra e foi para o que se chama a politica. Trouxe de Coimbra, como arma, a sua palavra e trouxe tambem, para nunca mais os perder, os seus grandes ideaes de liberdade, de tolerancia, de amor e de justiça. O tempo, as injustiças, as invejas, conseguem conturbar corações menos altos, e empanar a visão menos pura e limpida de intelligencias menos elevadas. Não assim com Antonio Candido que, apesar das contrariedades da lucta e das decepções da vida, é sempre o paladino do ideal.

E porque conserva elle essa mocidade perenne de espirito, esse dom de ter sempre um coração sem rugas e uma alma sem descrenças?

É que, no dominio das idéas, elle tem sempre a clareza deslumbrante da sua intelligencia e que na vida elle é sempre guiado pela bondade. Não a bondade sêcca e premeditada de certos poetas que são bons por esthetica — mas a bondade real e affectiva, a bondade para com todos, a bondade de todos os dias, que é consolação para os amigos, sympathia para os outros, perdão e esquecimento para os inimigos.

Essa bondade superior, na esphera elevada do governo dos homens, é por si um programma e talvez a melhor das politicas.

Antonio Candido teve uma vez, n'um momento angustioso e tragico para o seu paiz, de applicar essa politica. Luandô tudo parecia desabar para Portugal, Antonio Candido fazia o sacrificio de ser ministro e, quando maiores eram as difficuldades, rebentou a revolta do Porto. Esse movimento militar tomou a feição republicana, expressão de todos os descontentamentos que lavravam no paiz. A politica materialista da força e do odio aconselhava uma temerosa repressão fóra da lei e até da justiça.

Apuradas as responsabilidades, a lei foi desafrentada, e ao panico succedeu, contra todos os temores de uns e contra todas as esperanças de outros, o restabelecimento da ordem que, desde então, apesar de tudo, nunca foi alterada. Teria sido este o resultado se a bondade de Antonio Candido não lhe tivesse indicado que, ao terror do ataque não devia succeder o terror da reacção? Antonio Candido soube defender a sua politica e os factos deram lhe mais tarde razão.

Nos tempos de hoje, homens destes merecem veneração. A politica, mais do que nunca, é sem entranhas. E, cynicamente utilitaria, sceptica e practica ou mesmo feroz, será ella mais habil ou mais forte? Hoje as nações da Europa não tem ideaes no seu governo e toda a arte, toda a sciencia dos estadistas limita-se ao addiamento successivo da solução dos problemas. É um perpetuo desviar de difficuldades no presente e um incessante accumular de catastrophes para o futuro. Ha um evidente retrocesso na politica. O idealismo, hoje quasi ridicularisado, de 1848, cedeu o passo ao interesse mal comprehendido dos governos, com sacrificio dos direitos da justiça. Ha um Gladstone que protesta, como havia um Victor Hugo, mas são vozes perdidas no silencio.

Se a sociedade portugueza deixar um dia, por desgraça sua, de ser tolerante e liberal não será sem o protesto vehemente de Antonio Candido.

A palavra de Antonio Candido não é das palavras que voam, se com isso se quer dizer que ha palavras que passam sem deixar vestigios.

Na sua vida parlamentar tem tido Antonio Candido muitos triumphos. Na Academia Real as suas esplendidas orações hão de perdurar como admiraveis modêlos de eloquencia e da belleza da lingua.

A sua palavra ficará, como ficará a memoria da eloquencia de um homem, que os seus contemporaneos admiraram e mereceu tambem ser amado por ter sido bom.

EDUARDO PRADO.

A GREGIA CONTEMPORANEA



Soldado irregular grego.

VÊR a Grecia! Vêr a terra dos deuses e dos gloriosos marmores; — a terra da victoriosa belleza. Percorrer d'um lado ao outro esse paiz d'epopeia, desde as montanhas do Pindo e do Olympo, ninhos d'immortaes! até á Beociad'olivedos e loureiros, até á Attica rescendente de rosmaninho, até Corintho das legendas poeticas. Vêr a patria d'Apollô e de Minerva, d'Homero e de Platão, — berço de Zeus et de Venus.

Vêr esses tres palmos de terra sagrada onde durante trinta seculos germinaram as Artes e as Philosophias. Vêr a Grecia! tem sido um dos

grandes e fundos anceios de toda a nossa vida. E ha annos, em fins de 1889, estivemos a meio caminho d'essa viajata encantadora. Após um longo passeio por toda a Italia, discutiamos em Napoles, com dois amigos, ao cahir d'uma deliciosa tarde d'Outubro, se deviamos seguir para Brindisi no dia seguinte ou voltar para Roma no comboio proximo. Resolveu-se abandonar a passciata do Parthenon para quando houvesse mais tempo e vagar, e, no dia immediato, posta de parte a entresonhada ida até á sagrada Acropola, acabamos por nos installar n'um mau albergue do Corso, na velha capital dos Papas.

Mas foi viajata apenas addiada. Quando um dia nos acharmos com alguns francos a mais no bolso, em vez da semsaboria d'uma qualquer estação d'agoas ou de outro divertimento fastidiosamente mundano, havemos de realizar o nosso tão ancioso passeio até á terra dos deuses. N'uma boa manhã de sol tomamos um fiacre, para gare de Lyon d'onde seguiremos no expresso d'Italia, viá Bolonha, até Brindisi, nas costas do Adriatico. E d'ali a bordo d'um navio qualquer do Lloyd ou das Messagerias Italianas, havemos de percorrer as ilhas do Archipelago, em demanda de sitios floridos onde cantaram Poetas immortaes e onde transluziram, ao claro sol, todos os marmores celebres.

Mas em quanto não vem esse dia feliz, — hora embriagadora d'intellectual prazer! — vamos fazendo como o duque des Esseintes, o heroe d'Huysmans, que n'uma cervejaria da rua d'Amsterdam em Paris, recompunha artificialmente na sua imaginação exotica a grandeza de Londres, — sem nunca lá ter ido.

A Grecia, que tentamos hoje reconstruir tambem



Panorama de Athenas.

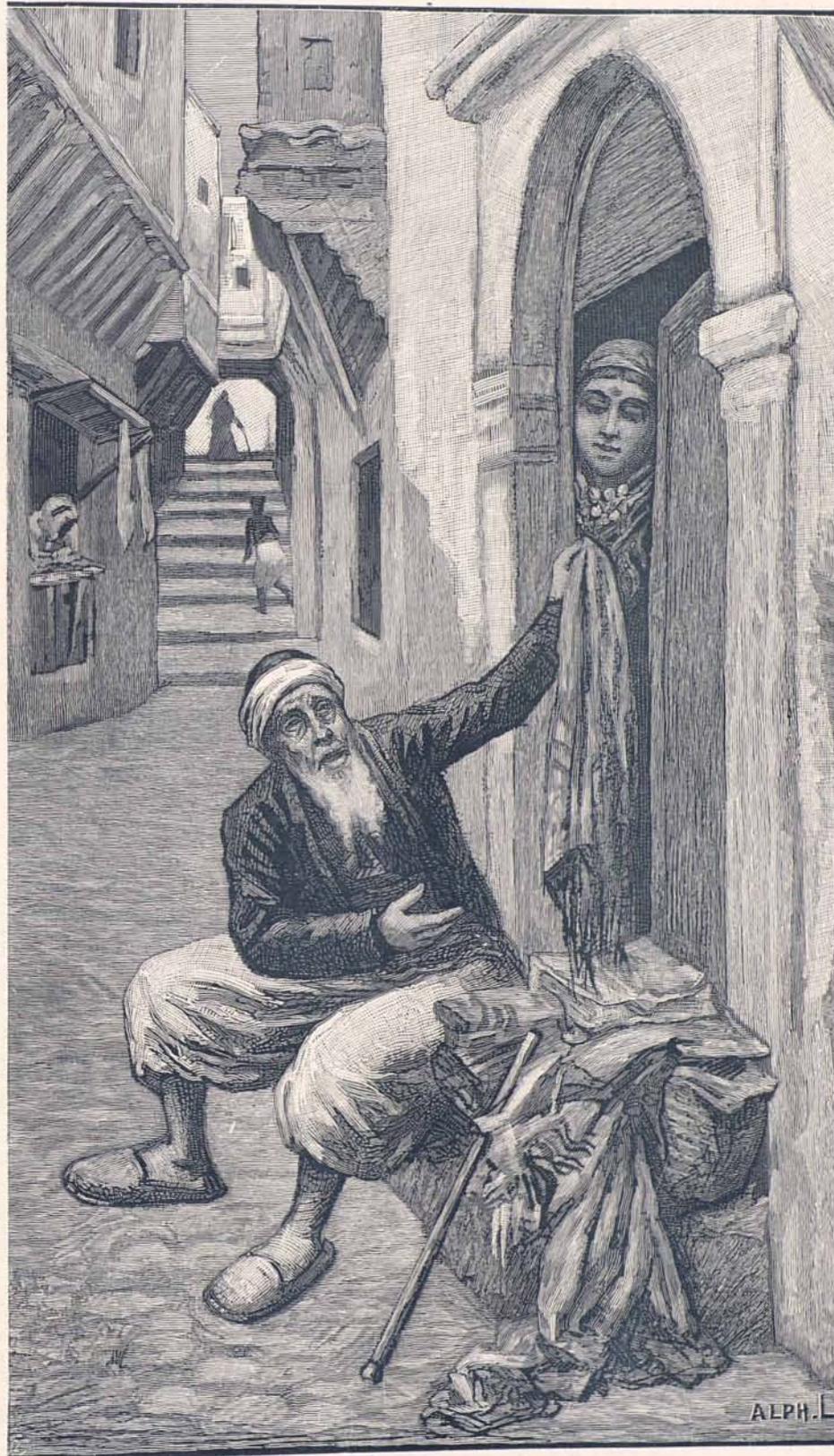
cerebralmente, é um producto litterario de leituras varias, — nesga d'azul entrevista na prosa morna d'About, nos detalhes curiosos de Deschamps e de Léon Hugonnet, nas vulgarisações do Larousse, nos periodos claros e cantantes de Juliette Lamber e de Marie Anne de Bovet, nos penetrantes estudos de Taine, de Victor Duruy, de Gervinus e Paparrigopoulo e nas notas d'um colorido tão vivo e tão pittoresco do poeta Jean Moréas, esse pobre e desilludido neoronsariano que segundo nos choramiga nos ultimos numeros do *Cosmopolis*, voltou ha dias da Attica com o coração em sangue, por ter achado o mel do Hymetto com ranço, o vinho de Samos com mau gosto e os descendentes de Homero reduzidos a vates provincianos de lóas de romaria.

A Grecia é hoje — e sê-lo-ha ainda por algum tempo, uma das actualidades mais curiosas para os jornaes e *magazines*. A guerra contra a Turquia, a insurreiçõ da Creta, a lucta desesperada na Thessalia, a derrota — pela traiçõ mal disfarçada segundo o partido intransigente — ou pela insufficiencia e pela ignorancia, segundo os que desejam dar uma explicaçõ decente do desastre enorme, a paz assegura da ha diasem condições tão deploraveis, que arrancam lagrimas de desespero a todos os patriotas hellenos e a todos aquelles que teem estado de alma e de coraçõ ao lado da Grecia, toda esta mão-cheia de factos, de luctas sangrentas, d'odios, d'intrigas politicas, de mixordias diplomaticas, de rapinas financeiras, as astucias do sanguinario Abdul-Hamid, apoiado nos canhões de Guilherme II, as hesitações de Delyannis outr'ora e a capitulaçõ de Ralli hoje, — tudo isso constitue a sufficiente actualidade, que chama sobre esse paiz pequeno em superficie territorial, mas

grande diante a Historia, a attençõ do Grande Publico.

Mas por isso mesmo, porque a Grecia é a *grande actualidade* d'estes ultimos dez mezes, é que se torna bem difficil fallar d'um assumpto mexido e remexido, tratado a *toutes les sauces* pelo jornalismo do mundo inteiro.

Como procurar uma nota original? Onde encon-



Mercador judeo, em Corintho.

trar o surpreendente pittoresco que fêre pelo imprevisto? O que dizer — livre da banalidade que se esvae ao longo das gazetas ha mezes a esta parte? Seria necessario ter na penna o colorido magico d'Eça de Queiroz, ou ter pelo menos vivido durante dias e semanas em contacto com esses descendentes dos palradores do Agora, ter-se batido ao lado de Cypriani e de Fortis na Thessalia, conhecer na ponta dos dedos os heroicos feitos de Marcõs Botzaris, o patriotismo do arcebispo Germanos, a coragem de Mavrocordato, de Tzamados e de Constantino Canaris que Hugo immortalizou. E sobretudo ter bebido o ar da Grecia, ter tirado reverentemente o chapu à Akropolis no seu terraço alto, esbatido no azul vibrante, n'esse azul do Oriente que embriaga a vista, pela intensidade da sua pureza e pelo tom cru e uniforme, que nos penetra até às raizes do cerebro — tudo azul, o céu e a agoa do mar, o ambiente e o fundo das montanhas, todo o horizonte!

Segundo parece — Athenas é uma cidadezinha encantadora com alguns prazeres exteriores bem modestos, onde se sente um pouco a vaga preocupação do mundano occidente europeu, coegas do snobismo de Paris e macaqueação delambida d'um centro provinciano. As relações são faceis, por que o Grego, meridional em excesso, é d'intimidade pouco custosa.

Um estrangeiro bem recommendado tem tudo quanto deseja — todas as portas abertas, entrada nas familias da grande e pequena burguezia, uma hospitalidade que nos põe á vontade, a nós sobretudo latinos do meio dia, mas que causa espanto

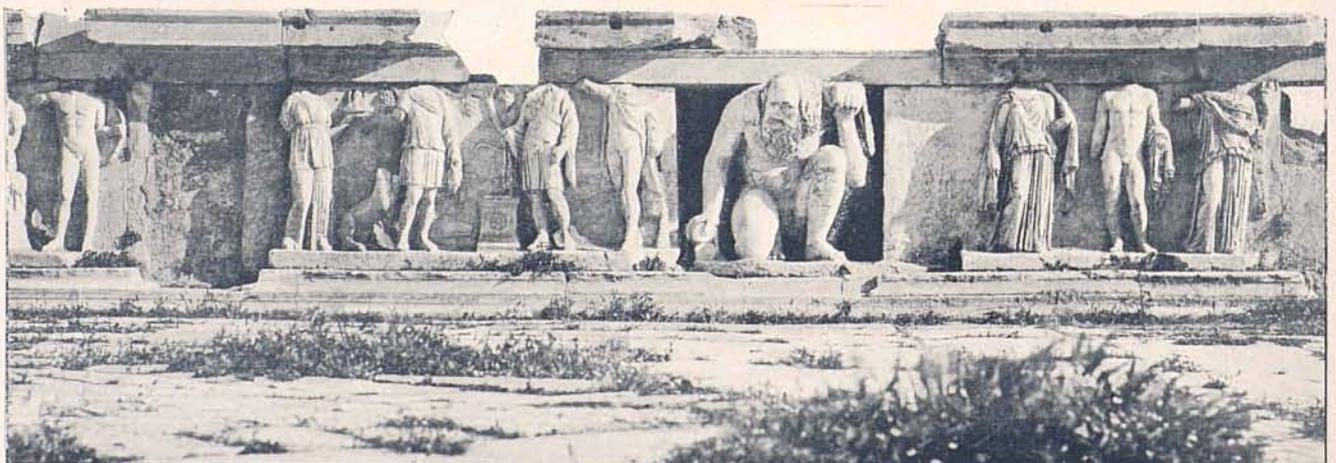
aos frios e retrahidos espiritos do Norte, d'aspera exterioridade.

Os theatros são mediocres, e os cafés concertos ainda mais inferiores do que as cazas d'espectaculos dramaticos. Nos *Cereles* joga-se furiosamente a batota. As damas saem às vezes depois do almoço e vão até aos estabelecimentos de modas das ruas de Hermès e de Eolo. Aos domingos, das 5 ás 7, ha concerto de banda militar na Praça da Constituição e como na Avenida em Lisboa é ali o *rendez-vous* das familias. Uns tomam bebidas assucaradas nas pequenas mezas redondas dos cafés, empregados dos ministerios de sobrecazaca austera, pappas de tunicas com nodoas, archimandritas com a cruz byzantina ao peito, officiaes dos *efzonas*, com uniforme albanez.

No verão, uma sociedade escolhida deserta para a praia bem amada dos Athenienses, o Novo-Phalero, um Estoril a poucas leguas da Asia



Ruínas do Parthenon.



Ruínas do Theatro de Baccho.

Menor, com o seu theatrinho modesto onde se cantam operetas francezas por *troupes* bem inferiores.

As familias que não podem com o luxo d'uma estação balnear vão todos os dias de Athenas a Phalero, pelo *tramway* electrico.

As tardes n'este pequeno Trouville são monotonas. Em modestos restaurantes que dão para o mar vae-se beber *raki*, ou comer com ostras e peixes meudos pescados na bahia do Pireo.

Em Athenas ha duas cidades : a *nova* e a *velha*. A *cidade velha* é a mais interessante, toda voltada para o mar, assente sobre colinas. A *cidade nova* fica n'uma baixa, toda chata e muito pouco original. E'a Neapolis, com as suas ruas cortadas em angulo recto, tudo muito bem alinhado e muito banal.

Mas a Grecia não é em resumo Athenas. Ha muitas outras cidades muito curiozas e que merecem nota especial, como por exemplo Corfu, a primeira grande povoação, que encontramos, quando entramos no mar Jonio. A bahia é lindissima, com a sua areia branca muito fina, colinas verdes, que se perdem alem na cadeia montanhosa da Albania. Corfu tem sido centenaes de vezes descripta e outros com mais brilho, e mais originalidade, já explicaram aos curiosos de notas de viagem o *cachet* especial d'esta ante-camara do Oriente. As ruas do bairro maritimo são animadas por uma multidão alegre, descuidada e palradora. As lojas, entre arcos baixos, lembram, não obstante os estabelecimentos pobres da parte mais velha de Veneza. Aos portaes, judeus de narizes d'ave de rapina e gregos astuciosos vendem enfiadas de figos seccos, laranjas, limões, uvas de Corintho, cousas assucaradas que ninguem conhece, postas de peixe a nadar em azeite, pastilhas, objectos de couro bordado, a quinquilharia do Oriente, etc., etc.

Que mixordia de raças e de typos, de linguas e de religiões n'este Corfu, — moiros e calabrezes, maltezes e sicilianos, albanezes e turcos, macedonios, húngaros, italianos, toda a escoria do Mediterraneo, do Adriatico e dos golfos que envolvem

os Archipelagos até ao Mar Negro.

Por toda a parte o vinho com gosto a resina, as golo-seimas de côres diversas, os *nougats*, as azeitonas pretas, o queijo de cabra e o *raki*.

As mulheres são geralmente feias. E dizer que foi aqui n'esta

Grecia legenda-



Rapariga Judia de Kalamata.

ria que os grandes esculptores foram descobrir os modelos da Eterna Belleza. É da gente estremecer de pasmo, porque, sobretudo as mulheres de Corfu, são os bichos mais feios da criação. As albanezas, essas são da gente fugir. Só n'algumas ilhas é que se encontram bellos typos femininos, mas bellos a valer, reclamando o marmore divino d'um novo Phidias.

(Continúa).

XAVIER DE CARVALHO.



O casamento de Rochefort

O nosso noticiario começa registrando um dos acontecimentos mais parisienses da ultima quinzena: o casamento de Henri Rochefort, o celebre jornalista francez, verdadeiro terror dos senhores ministros e homens politicos. Não é possivel indicar, mesmo ligeiramente, as grandes epochas d'essa vida agitada, cheia de transições e completamente ligada á historia da França contemporanea.



Henri Rochefort em 1870.

O casamento de Rochefort sexagenario com uma joven de 20 annos é a *suite* de uma sentença favoravel de divorcio que o illustre publicista conseguiu ha alguns mezes e a chronica dos boulevards commenta essa união, vendo n'ella uma divida de gratidão que o ex proscripto salda para com aquella que, por uma carinhosa dedicacão, lhe suavizou os longos dias de exilio. É este o terceiro matrimonio de Rochefort.

Um presente a Eleonora Duse

A elite dos artistas franceses enviou, por intermedio da embaixada italiana, uma preciosa lembrança á grande artista Duse, commemorando a sua passagem triumphal pela scena parisiense, durante a ultima primavera.

O presente escolhido foi a reproducção de prata, de meio metro de altura, do bellissimo marmore das collecções do Louvre, a Victoria de Samothracia. A extraordinaria interprete de Margarida Gautier agradeceu esse bellissimo presente n'uma encantadora carta, enviada de Roma ao redactor do *Figaro*:

« Senhor,

« Acabo de receber, em Roma, com muita emoção bem sincera, essa pre-

ciosa estatua commemorativa que os meus tão caros e indulgentes amigos de Paris tiveram a gentileza de me offerecer como testemunho de grande benevolencia. A divina e triumphante figura é um symbolo muito alto para a humildade de meo esforço, mas eu quero consideral-a como a arauto d'essa Belleza nova, com a qual nós sonhamos e cujo reinado esperamos sobre a scena para maior alegria de comprehendel-a e de servir-a.

« Peço-lhe queira exprimir toda a minha profunda gratidão a essa elite, que me honra com uma tão nobre lembrança e creia-me sempre a dedicada

« ELEONORA DUSE ».

Roma, 20 de setembro de 1897.



A Victoria de Samothracia.

As soberanas militares

As duas gravuras que abaixo damos representam a Imperatriz d'Allemanha Augusta Victoria e a Gran Duqueza Victoria revestidas do uniforme de seus respectivos regimentos, por occasião da revista de Homburgo ordenada por Guilherme II em honra do seo hospede e aliado Humberto I. O espirito militar allemão não se contenta com a dedicacão do sexo forte. A maioria das princessas allemãs, seguindo o exemplo da soberana, recebem nomeações honorarias de um posto qualquer nos regimentos do exercito imperial, sendo,



A Imperatriz Allemã.

de tempos a tempos, chamadas a um serviço de parada ou de gala, tro-



A Gran Duqueza Victoria.

cando, n'essas occasiões, o elegante espartilho pelo duro e rijo cinturão de official.

O general Bourbaki

NA sua propriedade em Bayona, com a idade de oitenta e dois annos, falleceu o general Bourbaki, uma velha reliquia do exercito e um dos officiaes que mais se distinguiram nas campanhas do terceiro imperio. Seos paes eram de origem grega; fixaram-se em França e destinavam o fillo ao commercio, carreira que o rapaz exerceo abandonando-a alguns mezes depois de começada. Discipulo da Escola de Saint-Cyr, em 1834 escolheu um regimento da Algeria de onde voltou, quinze annos depois, como tenente-coronel da legião estrangeira.

Na guerra de Crimea, Bourbaki desenvolveu um magnifico vigor, sobresahindo nas batalhas d'Alma, de Inkerman e no longo e mortifero cerco de Sebastopol onde a sua bravura e as suas rapiças e acertadas manobras valeram-lhe o posto de general de brigada. Chamado, no começo da campanha da Italia, para o commando da segunda divisão do terceiro corpo do exercito, luctou valentemente sob



General Bourbaki (1871).

as ordens do Marechal Canrobert. Ajudante de campo de Napoleão III, conduzio a Guarda Imperial a Metz e teve a felicidade de, em meio da grande catastrophe, salvar as armas e as bandeiras dos seus batalhões. Colocado ás ordens de Gambetta, o organisador da defesa nacional que deu-lhe o commando supremo do exercito do centro que tinha sob suas ordens tres corpos completos.

Bourbaki tentou o impossivel, teve feitos d'armas de grande valor, mas que nada puderam contra a impenetravel muralha Prussiana.

Nomeado governador de Lyão, depois da desastrosa guerra, o bravo soldado não quiz estar á mercê das paixões politicas, partindo em 1879, depois de ter sido rendido do seu com

mando, para a sua terra de Bayonna onde passou os ultimos annos da sua vida em completo retiro.

Um falso Archiduque

OS formaes fallaram com grande insistencia ultimamente sobre um individuo que servindo-se do nome do Archiduque Leopoldo d'Este



O Falso Archiduque.

sedusio uma rapariga de uma respeitavel familia de Aix-la-Chapelle, prometendo-lhe casamento secreto pois sendo herdeiro do throno da Austria, não lhe era permitido desposal-a publicamente. O mesmo individuo explorando uma vaga semelhança que tinha com o principe austriaco, procurou imitar as suas maneiras e modo de vestir. Trazia sempre na gravata uma flôr-de-liz, e nos dedos um anel com uma pequena dea que segundo elle era a joia symbolica da casa d'Austria. — A imprensa em começo acreditou que tratava-se de um casamento morgânico do principe imperial, mas a policia incumbio-se de desvendar o mysterio provando que o aventureiro personagem não era mais que um creado de



O Verdadeiro Archiduque.

Café resolvido a seduzir uma pobre moça que possuia uma pequena fortuna.

A historia teve e seu epilogo, em Liège, onde o archiduque improvisado e a sua ingenua companheira foram collidos pela policia. O seductor foi processado pelo crime de usar um nome falso e a victima entregue a um irmão que, com grandes difficuldades, conveceu-a que o melhor caminho a seguir era o da casa paterna.

A morte do Duque Frederico Guilherme de Mecklemburgo

N'um triste e fatal sinistro marítimo, nas costas da Allemanha, pereceu dignamente o Duque de Mecklemburgo, official de grande prestigio e irmão de um dos principes reinantes do Imperio allemão. Commandante de uma torpedeira que evolucionava nas proximidades de Kiel foi o seo navio surprehendido por uma terrivel tempestade. Manobrou então para voltar ao porto procurando um abrigo para a sua fragil

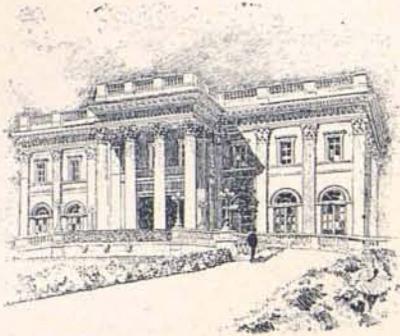


Duque Guilherme de Mecklemburgo.

embarcação. Mas os elementos em furia inutilisavam todos os seus esforços, n'essa lucta desesperada que sustentava á frente de doze marinheiros. Nesse momento critico um enorme vagalhão, lavando o tombadilho do pequeno barco arrastou consigo o infeliz jovem que só teve tempo de ordenar aos marinheiros que se salvassem. O principe de Mecklemburgo era um dos mais distinctos e esperançosos officiaes da marinha allemã. A sua tragica morte provocou em todo o Imperio um real e sincero sentimento. O seu corpo foi encontrado muitos dias depois e transportado com grande pompa para Schwerin, capital do Gran-Ducado.

Os millionarios americanos em Newport

No Estado de Rhode-Island, á beira mar e em meio de uma luxuriante e pittoresca vegetação, eleva-se a *fashionable* cidade de Newport, a praia de banhos mais elegante e mundana dos Estados-Unidos. A aristocracia do dinheiro e da belleza, ali se encontram todos



A casa de Marmore de M. Oliver Belmont.

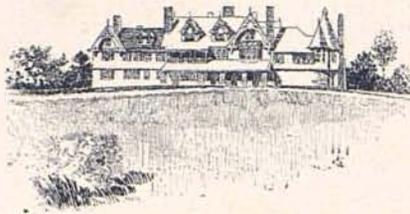
os annos animando, larga e principescamente, o seu lugar favorito de verão pelas mais bellas festas e extravagantes recepções.

Durante a manhã a longa e arenosa praia bordada dos mais bellos *cottages* é invadida por uma multidão de banhistas e passeantes, raparigas e creanças louras, financeiros de Wall-Street e matronas da Quinta-Avenida elegantes de Boston e de Central-Park vestidos de flanela branca e cerrados em cinturões de crocodilo, todos debatem-se alegremente sob as raios d'um sol de Agosto, retemperado pelas frescas brisas do oceano. A vegetação pittoresca dos sitios, as bellas alamedas sombrias, convidam aos pik-niques e a toda a especie de excursões que servem de pretexto a exhibição das mais ricas e extravagantes equipagens. Uma das curiosidades a notar



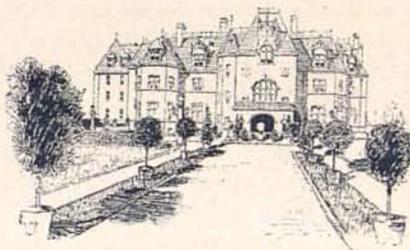
Residencia de M. Guilherme Belmont.

n'essa elegante praia é o grande numero de residencias dos grandes millionarios americanos que dedicam a Newport uma serie de construcções em que nem sempre a belleza do estylo triumphia mas onde a riqueza e a ostentação domina soberana. Os Vanderbilts, Astors, Goelts, Belmonts, Makays, Olivers e muitos outros, possuem residencias



Casa Escosseza de M. Mortimer Brooks.

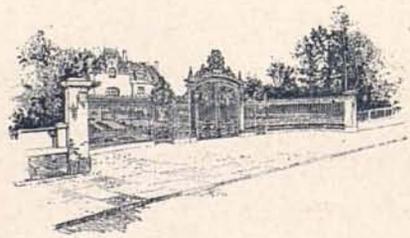
admiraveis, muitas d'ellas de uma riqueza interior inacreditavel, e caprichosamente decoradas com tudo que existe de mais raro e de mais caro nos quatro cantos do mundo. O bello palacio de M^{me} Oliver todo de marmore construido, com os seus colossaes candelabros de prata, os salões de M^r Vanderbilt tambem de marmore de todas as côres e o seu *fumoir* indiano, onde se admira nos muros do mesmo a mais bella colleção de pedras de côres. A colossal grade ferro fundido que dá entrada ao parque do senhor Goellet e a admiravel residencia do Sn^r Astor que reproduz no seu estylo e na sua decoração interior os palacios cardinalicios do tempo dos Borgias, e ainda mais um grande numero de cousas ricas e exentricas que deslumbram os visitantes e os convivas



Castello bretão de M. Ogden Godlet.

das maravilhosas festas que n'essas sumptuosas residencias constantemente se succedem.

Paul Bourget descreve admiravelmente o que ha de deslumbrante no interior desses palacios que relembram, com a installação moderna, o que deviam ser em Baia, em Tarento as moradas dos grandes patricios romanos. Certamente ha em tudo aquillo alguma crowsa que parece exagerado. O dono da casa não é quasi nunca um conhecedor mas a americana que na vida matrimonial toma a si a tarefa de gastar com a

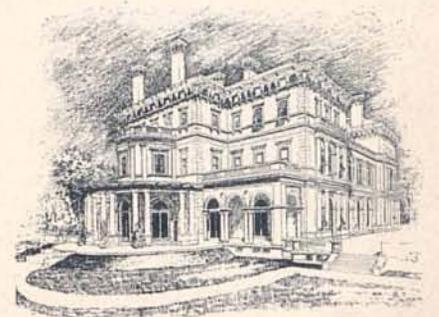


Entrada principal do castello de M. Godlet.

mesma grandeza que o homem desenvolve na sua tarefa de ganhar — essa, quasi sempre, é de um gosto admiravel.

As suas moradas dão a impressão de ser demasiado bellas. Os objectos d'arte são por demais authenticos e perfeitos. Os quadros são os mais celebres da epocha e a propria mulher é, por vezes, extraordinariamente bella.

A pobreza de certas installações europeas que tem pretensões de luxo disfarça-se com muita habilidade sob o nome commodo de simplicidade e do bom gosto.



O palacio de M. Vanderbilt.

A mulher americana torna deslumbrantes aquellas casas.

Ninguem como ella tem o dom de distribuir pela sua morada as flores as mais raras; ninguem tem mais imaginação distribuindo-as sobre uma meza, entre chrystales, entre a baixella de prata burilada, e as porcelanas reluzentes.

Se uma grande festa é organizada em Newport no dia seguinte todos os jornaes dos Estados Unidos, nas grandes cidades e nas mais humildes dão a noticia minuciosa de todos aquelles esplendores.



Residencia de M. Astor.

E não é raro acontecer que no mesmo dia contem tambem os jornaes algum grande feito financeiro, algum grande *golpe* do billionario tal que está em Newport e que reduzio á miseria centenaes de familias! Esse contraste faz com que, nos Estados Unidos, já se pensa que a futura revolução social será de tal horror que junto della 1793, será um doce idyllio!

REPORTER.

SPORT

O AUTOMOBILISMO NA AMERICA

O DESENVOLVIMENTO incrível que tomou n'estes ultimos annos o sport velocipedico foi bem de perto seguido pelos carros a vapor que fabricados por todos os systemas e feitos começam já a invadir as grandes cidades Europeas e Americanas. Os Estados-Unidos que têm realisado n'este fim de seculo que passamos as mais perfeitas e practicas invenções em todas os ramos da mechanica desenvolve actualmente na fabricação dos carros a vapor e electricos uma actividade prodigiosa.

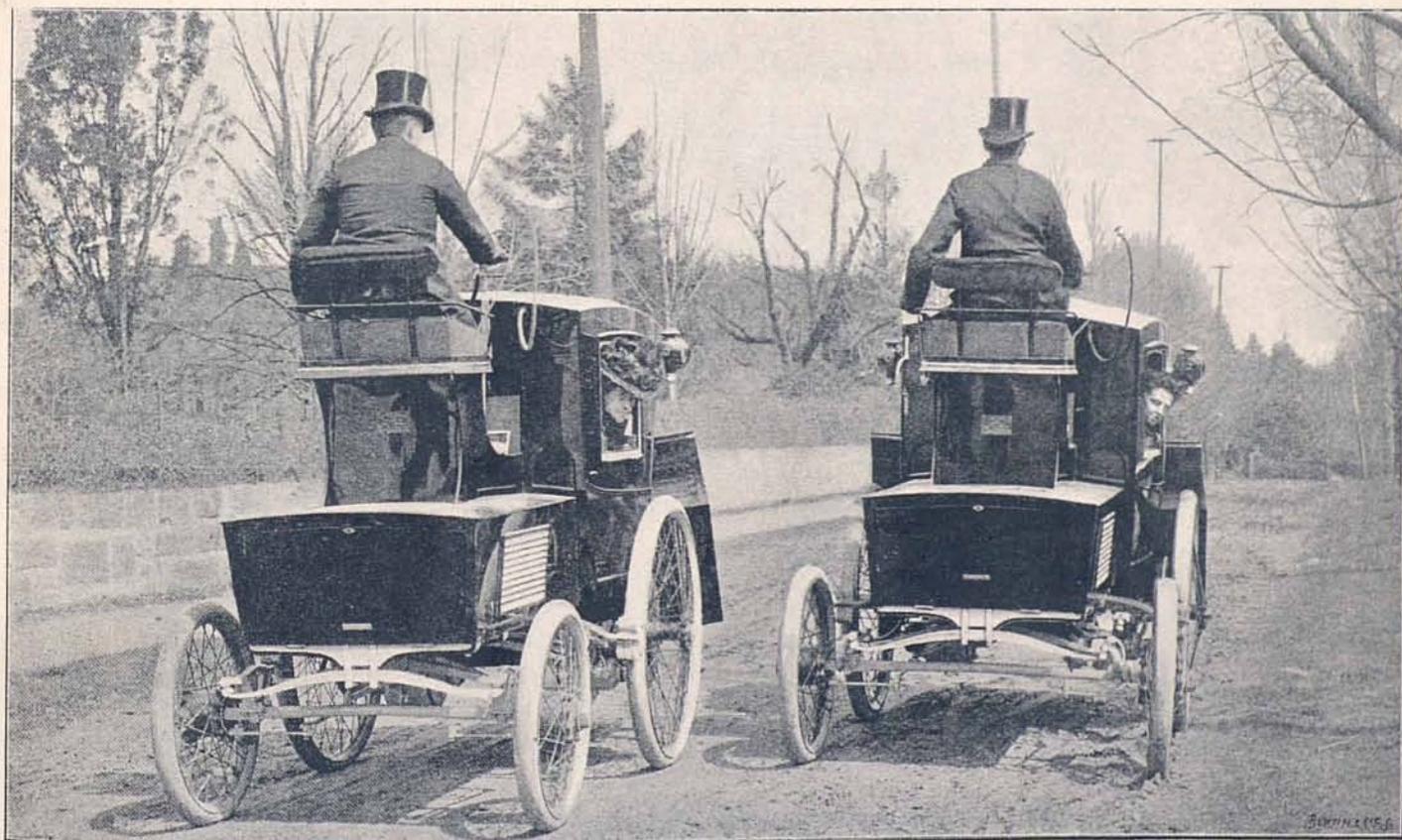
Em Pittsburg uma colossal fabrica de tres mil operarios dedica-se sómente aos automoveis movidos pela electricidade, que não são mais que uma continuação practica dos tramways electricos que circulam aos milheiros nas avenidas americanas. Em Buffalo e Chicago diversas companhias exploram a mesma industria procurando resolver com todas as garantias o problema delicado da *bicyclette electrica*.

Nos arredores de Philadelphia a manufactura Jekinson e C^o. tem a especialidade dos carros a vapor tendo como base o motor a petroleo de todos os systemas e para todos os usos. No bello parque de Philadelphia e no Central Park de New-York pela manhã e á tarde veem-se em profusão os mais elegantes modelos de carros a vapor, que com as rodas guarnecidas de tubos pneumaticos passam ligeiramente conduzindo elegantes miss e tendo como conductores correctos gentlemen que pom-

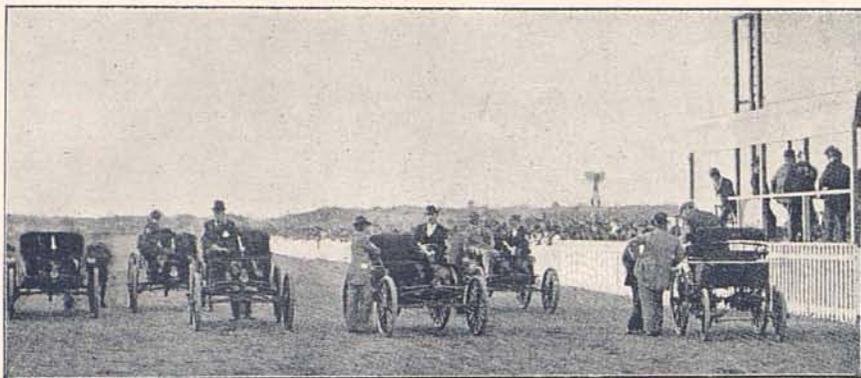
posamente sentados ao lado do freio, dirigem com todo o orgulho e sisudez a veloz machina « fim de seculo ». Corridas sensacionaes têm sido realisadas entre os productos das mais importantes fabricas, despertando n'esse paiz de agitação e de reclamo uma desesperada concurrencia e um justificado estimulo para uma completa perfeição. A ultima d'ellas realisada entre New-York e Saratoga passando por Albany, despertou um extraordinario entusiasmo no mundo dos fabricantes e inventores de systemas, tal foi a grande quantidade de automoveis que n'ella tomaram parte. A lucta foi renhida e em meio do caminho percorrido mais de metade dos inscriptos estavam fóra de combate, com avarias no motor.

A nota comica d'essa excursão a todo o vapor foi o accidente que inutilisou um dos melhores concurrentes que trazia a marca de uma respeitavel e bem conhecida casa de Chicago. Uma gallinha teimosa e medrosa, surprehendida em plena estrada teve a infeliz ideia de disparar na frente do pequeno carro que em poucos segundos reduzio-a em um croquette, ficando impune por um fatal descuido um osso vingador que o chronista não nos diz qual era, mas que foi mais que sufficiente para arrebentar o motor e reduzindo a uma triste quietação a machina que tão vaidosa e alegre, vinha pelo caminho a afóra.

O vencedor d'esse grande concurso foi um fabricante



Automoveis no Central Park de New-York.



Uma corrida de Automoveis em Saratoga (E. U.).

e não será nada extraordinario que, em muito breve tempo, sejam organizados campos de corridas collossaes nos quaes carros de todas as côres e feitios disputarão grandes premios ainda mais collossaes, deante de uma multidão que, abandonando os cavallos, virá entusiasta proclamar a perfeição do fabricante e a resistencia do motor. Como pallida compensação a esse enorme desenvolvimento da industria dos automoveis na America do Norte, a do Sul nada, ou muito pouco tem feito que se possa já não digo comparar mas ao menos registrar. O sport da bicyclette e do carro a vapor ainda não despertou a attenção e o interesse dos industriaes d'esses paizes sendo o mercado dos mesmos, tributarios da Europa e dos Estados-Unidos para fornecer o muito limitado numero de amadores. A cidade de São Paulo, no Brasil, que possui um velodromo de primeira ordem com uma pequena, mas das mais bellas pistas que temos visto; organizando sempre interessantes e concorridas reuniões e muito contribuindo para o desenvolvimento

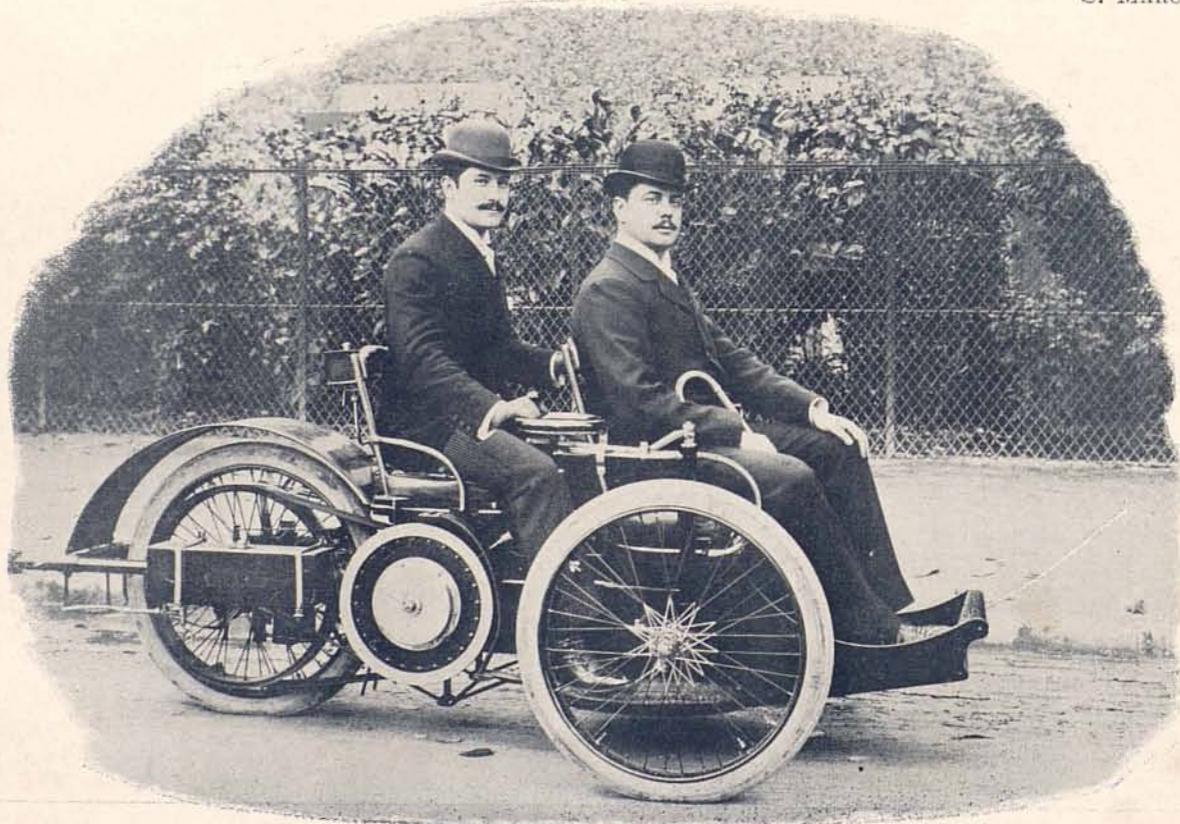
de Buffalo que apresentou um pequeno *break* para quatro pessôas movido por um motor de petroleo. Uma casa de New-York obteve o segundo lugar tambem com um motor a petroleo. A distancia percorrida foi de trezentos kilometros que foram corridos pelo primeiro em cinco horas e meia pelo segundo em cinco horas e cinquenta minutos. Nos diversos hippodromos americanos as corridas de automoveis começam a despertar grande interesse, attrahindo a concurrencia publica pelo grande jogo que se estabelece entre os representantes das melhores marcas,

do sport velocipedico, é a unica que tem probabilidades de adoptar, em maior escala, a locomoção electrica ou a vapor applicadas nos diferentes modelos de carruagens.

O motor a petroleo Thierry, tem provado excellentemente como mecanismo de resistencia apto a vencer as dificuldades dos máus caminhos do Brasil e tambem das estradas e ruas accidentadas. A sua pressão igual e uniforme guarda a mesma velocidade nas subidas e nas grandes distancias a percorrer e isto tem dado a este motor um logar de primeira ordem em todos os concursos que se tem apresentado.

Nas ultimas corridas organizadas entre Nice e Monte-Carlo, que é um caminho cheio de rampas e com os mais fortes declives, esse mesmo motor trabalhou sempre com a mesma pressão não tendo os peritos encarregados da fiscalisação notado o menor desarranjo no machinismo. Resta somente a saber se elle resistirá com successo ás *magnificas* estradas do Brasil.

S. MARCELLO.



A « Petrolette » de Mr G. Prado. S. Paulo (Brasil).

55, RUE D'EPERNAY, 55

BRUXELLAS

Fabrica em Namur

Belgica

LEUSSEU FILS & C^o

Fabricantes de Armas de Precisão

ESTABELECIDOS EM 1874

55, RUE D'EPERNAY, 55

BRUXELLAS

Fabrica em Namur

Belgica

Especialidade em carabinas superiores para a caça; carabinas de tres canos, systema Leusseau — Um immenso sortimento de artigos para caçadas, explorações e sport em geral. Cartuchos Leusseau para todos os calibres.

MEDALHA DE OURO
NA ULTIMA EXPOSIÇÃO
DE FRANCFORT

LUDWIG LEONHARDI

MEDALHA DE OURO
NA ULTIMA EXPOSIÇÃO
DE FRANCFORT

ESTABELECIDO NOS ARREDORES DE ZURICH (SUISSA)

EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE CAËS DE TODAS AS RAÇAS

Montanhezes

São-Bernardos

Dogues de Ulm

Carlindogues

Dachshund

ou

Basset



Dinamarquezes

Escuros

e Dinamarquezes

pintados

(1^o premio)

Caës pastores

Wolf-Spitz

e

Pequenos Spitz

Serviço de expedição de primeira ordem e de toda a garantia para todos os paizes

Para todas as indicações dirigir-se ao escriptorio da « Revista Moderna »

38, Rue du Quai

ANTUERPIA

MABY & C^o

Successores de RENIER freres

38, Rue du Quai

ANTUERPIA

Grande sortimento de artigos em couro de proveniencia belga e ingleza. — Especialidade em toda a sorte de artigos para a montaria.

Sellas RENIER, premiadas em diversas Exposições

Um completo sortimento de capas e polainas de borracha.

Sellas mexicanas e mantas de couro pelludo. — Expedição constante para as duas Americas.

ANTUERPIA

38, Rue du Quai

MABY & C^o

ANTUERPIA

38, Rue du Quai

Revista Moderna

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA

DIRECTOR: M. BOTELHO

COLLABORAÇÃO LITTERARIA DOS MELHORES ESCRIPTORES DO BRAZIL E PORTUGAL

E ILLUSTRAÇÃO ARTISTICA

DOS MAIS NOTAVEIS DESENHADORES DE FRANÇA, INGLATERRA E ALLEMANHA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

BRAZIL	FRANÇA e outros paizes da União Postal.	PORTUGAL
Um anno. 50 \$ 000	Um anno 40 francos	Um anno 10 \$ 000
6 mezes. 30 \$ 000	6 mezes. 24 "	6 mezes. 5 \$ 500
Numero avulso. 2 \$ 500	Numero avulso. 2 "	Numero avulso. 500

A REVISTA MODERNA ASSIGNA-SE E VENDE-SE NAS SEGUINTE CASAS.

BRAZIL

Rio de Janeiro	LAEMMERT E C ^{ia} ,	<i>Rua do Ouvidor.</i>
São Paulo	CASA GARRAUX,	<i>Rua de 15 Novembro.</i>
Pernambuco	LAEMMERT E C ^{ia} ,	<i>Rua Marquez de Olinda.</i>
Pará	LIVRARIA COMMERCIAL,	<i>Rua João Alfredo.</i>
Pelotas	CARLOS PINTO E C ^{ia} .	
Santos	WEINMAN ET C ^{ia} .	
Campinas	LIVRARIA ESCOLAR.	
Ceará	ALFREDO GENOUX.	
	JOAQUIM JOSÉ DE OLIVEIRA.	

PORTUGAL

A REVISTA MODERNA assigna-se e vende-se nas principaes livrarias de **Lisbóa Porto e Coimbra** e na *Agencia Geral* — Travessa Nova de S. Domingos 42-3º, **Lisbóa**.

PARIS

Escriptorio e Administração
48, rue de Laborde
LIBRAIRIE NOUVELLE
Boulevard des Italiens

LONDRES

ARSENIO PINTO LEITE E C^{ia}
11, Queen Victoria Street

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADEANTADAS

A REVISTA MODERNA acaba de obter do eminente escriptor **EÇA DE QUEIROZ**, o direito de publicação de um grande romance inédito :

A ILLUSTRE CASA DE RAMIRES

uma das obras mais interessantes e poderosas que tem produzido o genial autor d'O PRIMO BAZILIO, da RELIQUIA, do CRIME DO PADRE AMARO, dos MAIAS e de tantas outras obras-primas da litteratura portugueza.

Muito brevemente, pois, a REVISTA MODERNA começará a publicação — com numerosas e ricas illustrações — do grande romance :

A ILLUSTRE CASA DE RAMIRES

POR

EÇA DE QUEIROZ

“ *A REVISTA MODERNA* ” pede a todos os seus leitores de *Portugal* e do *Brazil* documentos illustrados nitidos dos lugares mais pittorescos e dos mais bellos monumentos e residencias particulares d’esses dous paizes, compromettendo - se a fazer em tempo a reproducção dos mesmos.

Rogamos tambem aos nossos assignantes que, por um desvio do correio, não recebam a *Revista*, a reclamem aos nossos agentes nos respectivos Estados.

Almanak Moderno

Por todo o mez de *Dezembro* será exposto á venda em *Portugal* e no *Brasil* esta interessantissima e artistica publicação edictada pela *Revista Moderna*.

“ *O ALMANAK MODERNO* ” formará um livro de trezentas paginas, nitidamente impresso em excellente papel e com duzentas gravuras de actualidade, arte, viagens, retratos de celebridades, etc., etc.

“ *O ALMANAK MODERNO* ” será enviado gratuitamente aos assignantes da *Revista*.

PEQUENOS ANUNCIOS

A Revista Moderna
dará
um numero especial
de

NATAL e ANNO BOM com **QUARENTA PAGINAS** de texto
e illustrado a cores



Todos os assignantes e compradores da « Revista Moderna » devem receber com o presente numero um Supplemento Illustrado em côres.

MUSICA PARA PIANO

NOVIDADES DE MAIOR SUCCESSO

	LIQ.
CLÉRICE (J.). Ségovie, Dansa hespanhola	1 70
CAMILLE ERLANGER, Serenata carnavalesca	2
GALLÉOTTI (C.). Valsa melancolica	1 70
GUIRAUD e SAINT-SAENS. FREDÉGONDE, Aria do bailado nº 1.	1
HAAKMAN (G.). Pendant le bal, Intermezzo-valsas	1 70
LACOME (P.). Berceuse	1 35
MARÉCHAL (H.). Desdemona adormecida	1 35
MULDER (J.). Napolitano, Tarantella	1 70
PESSARD (E.). Les Guêpes, Aria do bailado	2
— La Tzigane, Mazurka	2
PFEIFFER (G.). Chœur des fileuses de KERMARIA	1 70
— Musette et biniou	1 35
SALVAYRE (G.). Albanaise, Dansa	2
SOMA (J.-B.). La Fiesta de los niños, Bolero	1 35
WITTMANN (G.). Marche du Figaro	1 70

O catalogo é enviado FRANCO DE PORTE

Pariz. PAUL DUPONT, Editor, 4, rue du Bouloi.

REDACÇÃO
19, Boul.
Montmartre
PARIZ

Do meio dia
às 4 horas.

ASSIGNATURA
de um anno

França 20 fr.
Estrangeiro 22 fr.

LE BRÉSIL



ADMINISTRAÇÃO
19, Boul.
Montmartre
PARIZ

Do meio dia
às 4 horas.

ASSIGNATURA
de um anno

França 20 fr.
Estrangeiro 22 fr.

LE BRÉSIL

17 ANOS DE EXISTENCIA

Correio d'America do Sul; apparecendo todos os domingos, com informações e noticias completas sobre todos os ESTADOS DO BRAZIL e um resumo dos acontecimentos mais importantes das republicas Hispano-Americanas.

Numero avulso : 50 centimos.

LE BRÉSIL acha-se á venda, em Pariz, nos kiosques de jornaes, em frente ao Grand-Hôtel.

CASA AMME

ARMAND

SUCCESSOR

6, rue de la Chaussée-d'Antip, 6

PARIS

VESTIDOS E MANTOS

PELLES

ARTIGOS DE FANTASIA

PARA SENHORAS

ENXOVÁES

ROUPA BRANCA



Esta casa é principalmente conhecida por vender artigos de muito gosto e por possuir como freguezia a alta sociedade hespanhola e americana



OS MAIS SOLIDOS

OS MAIS LEVES

OS MAIS RAPIDOS

OS MAIS BARATOS

Agencia Geral : 30, Cordeny-Street, Londres.

Le Gérant : E. LANCE

MAPLE & CIA

Tottenham Court Road
LONDRES

ENDEREÇO TELEGRAPHICO
MAPLE - LONDRES



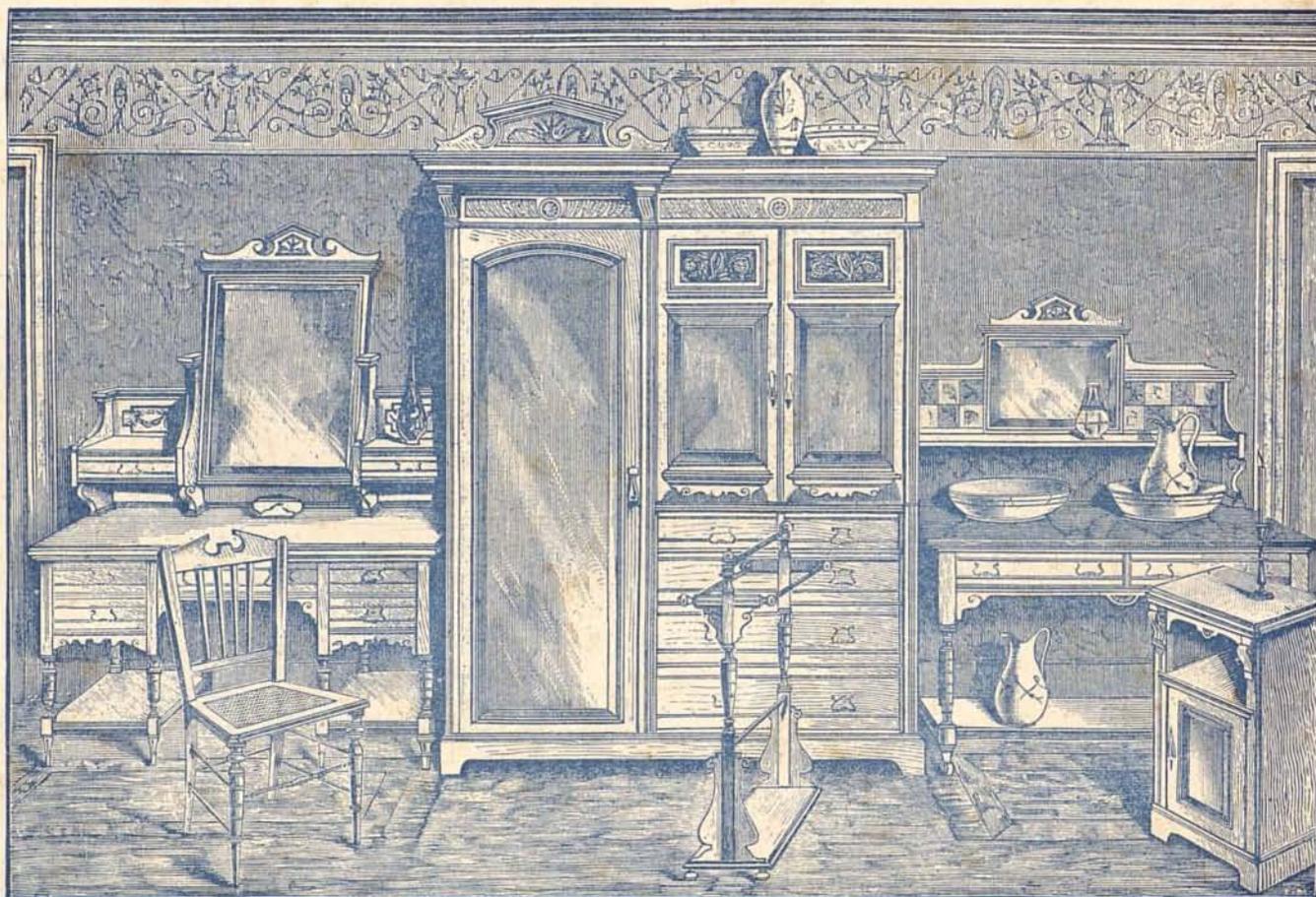
MAPLE & CIA

Rua Boudreau (Perto da Opera)
PARIS

ENDEREÇO TELEGRAPHICO
MAPLE - PARIS

Fornecedores de S. Graciosa Magestade a Rainha
O MAIOR ESTABELECIMENTO DE MOVEIS DO MUNDO

RIQUISSIMAS MOBILIAS PARA SALOES ESPECIALMENTE FABRICADAS PARA OS CLIMAS QUENTES E HUMIDOS



Especialidade incomparavel de mobilias de couro, de grande conforto para bilhares, *fumoirs* e escriptorios. Mobilias completas para o campo, desde os mais modestos preços, solidas e elegantes. Instalações completas para casas de familia comprehendendo salaõ, sala de senhoras, sala de jantar, escriptorio, vestibulo, quartos de dormir, salas de banhos, cozinhas e quartos de creados. Instalações completas para Clubs, Bancos, Hoteis, Escriptorios commerciaes e Estações de Caminho de Ferro.

**LUXUOSAS MOBILIAS DE SALAÕ, RIQUISSIMAS TAPEÇARIAS,
CORTINAS E OBJECTOS DECORATIVOS**

Encarregam-se de fazer installações completas mediante planos das casas a mobilar
Remettem orçamentos e preços das installações por cartas.

GRANDE SORTIMENTO DE CAMAS DE METAL

REMESSA FRANCO DO
Catalogo Illustrado com os Preços marcados